

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Dissertação de Mestrado

**OLHOS QUE REFLETEM IDENTIDADE:
O HETERODISCURSO EM CONTOS CONTEMPORÂNEOS**

Maria José de Oliveira Santos



Maria José de Oliveira Santos

**OLHOS QUE REFLETEM IDENTIDADE: O HETERODISCURSO EM CONTOS
CONTEMPORÂNEOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação da Prof^a. Dra. Patrícia da Silva Valério.

São Miguel do Guaporé

2023

CIP – Catalogação na Publicação

S237o Santos, Maria José de Oliveira
Olhos que refletem identidade [recurso eletrônico] : o heterodiscurso em contos contemporâneos / Maria José de Oliveira Santos. – 2023.
807 KB ; PDF.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia da Silva Valério.
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, 2023.

1. Heterodiscurso. 2. Feminismo e literatura. 3. Evaristo, Conceição, 1946- . Olhos d'água. 4. Mulheres e literatura.
I. Valério, Patrícia da Silva, orientadora. II. Título.

CDU: 801

Catalogação: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação

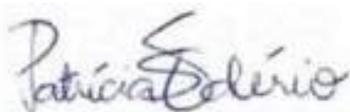
“Olhos que refletem identidade: o heterodiscurso em contos contemporâneos”

Elaborada por

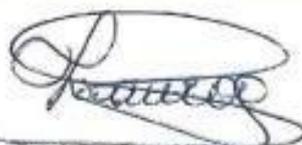
Maria José de Oliveira Santos.

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras – Projeto de Cooperação entre Instituições
- Minter FUPF/FCR, da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para a obtenção do grau de
Mestre em Letras, Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva”

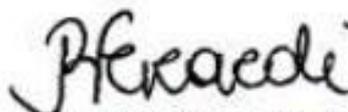
Aprovada em: 30 de outubro de 2023.
Pela Comissão Examinadora



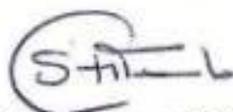
Prof.ª Dr.ª Patrícia da Silva Valério
Presidente da Banca Examinadora



Prof. Dr. Lauro Gomes
Universidade Federal de Rio Grande



Prof.ª Dr.ª Fabiane Verardi
Universidade de Passo Fundo



Prof.ª Dr.ª Claudia Stumpf Toldo Oudeste
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

À memória de meu pai, Josué:
“As pessoas não morrem, ficam
encantadas”.

(João Guimarães Rosa)

AGRADECIMENTOS

Neste momento, a gratidão é o sentimento mais intenso que sinto em meu coração e em minha alma. Ela faz surgir de meu ser os mais belos, singelos e sinceros sentimentos, e estes são imensuráveis. É o sentimento de gratidão que nos faz perceber que, sozinhos, não somos nada nesta vida. Existem pessoas à nossa volta que não estão ali por acaso, mas sim porque nos completam como família, amigos, colegas, companheiros. Suas existências agregam valor à nossa existência.

Primeiramente, a Deus pela vida que me deste. Por tudo que tenho e por tudo que sou. Por me fazer sentir, a todo momento, o seu grande amor por mim. Por ter a certeza de que esse trabalho e tudo que realizo em minha vida só é possível pela fé que tenho em Ti, Senhor.

À minha mãe, Dona Maria e ao meu pai, “Seu” Josué (in memoriam), que sempre fizeram o possível para proporcionar a mim e aos meus irmãos o melhor, dentro de suas possibilidades.

Ao meu esposo, Wilson, que sempre esteve ao meu lado auxiliando-me na escrita com a sua sabedoria filosófica, além de poupar-me dos serviços domésticos, para que eu pudesse dedicar-me melhor à escrita. Obrigada pela parceria, meu amor.

À minha filha, Bárbara, por me apoiar e sempre acreditar na capacidade intelectual de sua mãe. Obrigada, filha, você muito me inspira.

À família de um modo geral, especialmente às minhas irmãs, Luzia, Cidinha e Luiza. Obrigada por serem meus anjos.

À querida professora Dr.^a Patrícia da Silva Valério, pela sua brilhante orientação, profissionalismo, sabedoria, apoio, paciência, direcionamento, confiança e demonstração de carinho.

A todos os professores doutores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo.

À Faculdade Católica de Rondônia, em especial a Ilma. Meus agradecimentos pela parceria com a Universidade de Passo Fundo.

Ao Governo de Rondônia, a quem sou muito grata, por tornar possível e real o sonho de me tornar mestre.

A todos os funcionários da Escola Estadual Princesa Isabel, aos meus queridos amigos professores, muito obrigada pelas palavras de incentivo, carinho e amizade.

Ao meu professor de literatura no ensino fundamental, médio e universitário Carlos Alberto Suniga da Silva, por ter me conduzido para o mundo da leitura e literatura.

Aos membros da Banca Examinadora, Prof. Dr. Lauro Gomes e Profa Dra Fabiane Verardi, pelas contribuições relevantes e enriquecedoras.

RESUMO

Este trabalho desenvolveu uma pesquisa acadêmica a respeito da análise das múltiplas vozes em *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo. A delimitação do estudo concentrou-se na identificação e análise das vozes sociais emergentes nos contos da obra *Olhos d'água*. Esse estudo surgiu da necessidade de conhecimento e aprofundamento da obra dessa autora contemporânea. A pesquisa tem como objetivo compreender efeitos de sentido produzidos pela emergência das vozes de mulheres negras em contos contemporâneos. Entre os objetivos específicos, destacam-se: conhecer e explicitar o conceito de enunciado, bem como noções e conceitos correlacionados; definir o conceito de heterodiscurso (vozes sociais) na perspectiva bakhtiniana e analisar feminismo interseccional com vistas a compreender a emergência das vozes discursivas em quatro contos contemporâneos. Para isso, optou-se por uma pesquisa básica, descritiva, bibliográfica e qualitativa. O aporte teórico se deu em Bakhtin (1992, 2003, 2015, 2016), Akotirene (2019), Ribeiro (2018). Os contos escolhidos: *Olhos d'água*, *Maria*, *Duzu-Querença* e *Quantos filhos Natalina teve?*, destacam as vozes sociais de mulheres que, em virtude de seu gênero, classe social e cor de pele, tentam resistir em uma sociedade permeada por diversos tipos de preconceito. A análise aponta para a emergência de vozes que abordam questões sociais fundamentais, como a pobreza, a violência, a discriminação racial e de gênero, além das desigualdades estruturais presentes na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Heterodiscurso; Feminismo interseccional.

RESUMEN

Este trabajo desarrolló una investigación académica sobre el análisis de las voces múltiples en Olhos d'água, de Conceição Evaristo. La delimitación del estudio se centró en la identificación y análisis de las voces sociales emergentes en los cuentos de la obra Olhos d'água. Este estudio surgió de la necesidad de conocimiento y profundización de la obra de este autor contemporáneo. La investigación tiene como objetivo comprender los efectos de significado producidos por la aparición de voces de mujeres negras en los relatos contemporáneos. Entre los objetivos específicos destacan: conocer y explicar el concepto de enunciado, así como nociones y conceptos relacionados; definir el concepto de heterodiscurso (voces sociales) desde una perspectiva bajtiniana y analizar feminismo interseccional con miras a comprender el surgimiento de voces discursivas en cuatro cuentos contemporáneos. Para lograrlo se optó por una investigación básica, descriptiva, bibliográfica y cualitativa. El aporte teórico provino de Bakhtin (1992, 2003, 2015, 2016), Akotirene (2019), Ribeiro (2018). Los cuentos elegidos: Olhos d'água, Maria, Duzu-Querença y ¿Cuántos hijos tuvo Natalina?, resaltan las voces sociales de mujeres que, por su género, clase social y color de piel, intentan resistir en una sociedad permeada por diversos tipos de prejuicios. El análisis apunta al surgimiento de voces que abordan cuestiones sociales fundamentales, como la pobreza, la violencia, la discriminación racial y de género, además de las desigualdades estructurales presentes en la sociedad brasileña.

Palabras clave: Concepción Evaristo; Heterodiscurso; Feminismo interseccional.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1 ENUNCIADO: UNIDADE DA COMUNICAÇÃO DISCURSIVA	9
2 AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE SENTIDO EMERGENTES NO CONCEITO DE HETERODISCURSO	23
2.1 ORIGENS DO CONCEITO DE HETERODISCURSO	23
2.2. O HETERODISCURSO	24
2.3 O HETERODISCURSO DIALOGIZADO	27
3 INTERSECCIONALIDADE: SUA RELEVÂNCIA NO CONTEXTO SOCIAL E LITERÁRIO	33
3.1 A INTERSECCIONALIDADE E A MULHER: COLONIALISMO E PATRIARCADO	34
3.2 A INTERSECCIONALIDADE E O RACISMO	35
4 VOZES DE MULHERES NA LITERATURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	63

INTRODUÇÃO

“Os meus alunos não gostam de ler”. Esta é uma afirmação corriqueira entre os professores da educação básica, principalmente da rede pública. Todavia, esse não gostar de ler está associado às práticas de leitura realizadas em sala, com atividades geralmente voltadas ao livro didático. A leitura deve ser carregada de prazer, e isso ocorre quando a criança ou adolescente pode se isolar, pode se permitir a esquecer, sonhar e, não obstante, adentrar em um mundo que não é o seu. João Wanderley Geraldi, em “O Texto na Sala de Aula” (2007), fala da necessidade de trazer de volta para as escolas o que havia desaparecido: o prazer, o prazer de ler, ler por prazer. Esse é o sucesso de continuação ao incentivo à leitura. Para o autor, a leitura associada ao prazer acontece pela sua gratuidade, sem que necessariamente tenha que pedir algo em troca.

É inegável a importância do conhecimento prévio e do conhecimento de mundo para a leitura, o que faz com que um mesmo texto seja lido de diferentes maneiras por um mesmo leitor, que consegue extrair diferentes sentidos do texto. O que se apreende da leitura, a busca pelo que está implícito, oculto, conforme Cosson (2022), é bem mais interessante para o leitor do que as palavras explicitamente expostas.

O estímulo à leitura traz consigo o desenvolvimento das competências leitoras no estudante, que devem ser aprimoradas na sua prática. Teresa Colomer (2003) salienta o compromisso do aluno-leitor em praticar suas capacidades e competências leitoras, bem como “aprender a ler e ser leitor”, pois, segundo a autora, essas práticas, mesmo sendo sociais, são também individuais, de cada leitor e de seu mundo interior. Além disso, uma vez que esta formação é também de responsabilidade da escola, cabe a ela torná-lo cidadão culturalmente letrado. Dessa forma, torna-se necessário, nas instituições escolares, a existência de espaços como bibliotecas e/ou salas de leitura que propiciem a prática leitora e que o aluno-leitor seja livre para fazer suas escolhas literárias sem sofrer coerção de nenhuma parte.

A partir dessa reflexão sobre a importância da leitura, penso em minha trajetória como professora de Língua Portuguesa na rede pública de ensino, atuando há 22 anos. Logo que conclui a graduação em Letras: Língua e Literatura, ingressei no curso de Especialização também em Língua e Literatura, no qual realizei o trabalho de conclusão do curso sobre habilidades desenvolvidas em Língua e Literatura. Ou seja,

a literatura sempre foi e continuará sendo “minha companheira inseparável”. Sempre lecionei em sala de aula, e a prática de leitura esteve sempre presente em minhas aulas. Isso porque, desde as séries iniciais, fui estimulada pelos meus professores a ler, e busquei compartilhar esse hábito com meus alunos. Após alguns anos trabalhando nesta profissão, fui influenciada por colegas de trabalho a me interessar pelo ensino especializado, notadamente o ensino de Libras. Entretanto, percebi que o que mais me motivava na escola era estar em sala de aula falando de literatura. Camões, José de Alencar, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Clarice Lispector e tantos outros nomes da nossa literatura sempre me cativaram.

Dessa forma, vinte anos após o início de minha carreira de professora, pude vivenciar um dos maiores sonhos, cursar um mestrado. E mais uma vez, a literatura se faz presente em minha vida pessoal e acadêmica. Por intermédio dessa especialização, conheci mais de perto a literatura contemporânea, estudei a escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, pela qual me apaixonei. Por esse motivo, a escolhi como autora dos textos que constituem o corpus deste trabalho. Ao me apropriar da leitura de seu livro de contos *Olhos d'água*, fui tomada pelas vozes do heterodiscurso, tema desta pesquisa “As múltiplas vozes em contos de *Olhos d'água*”, pois eram as referências que eu tinha dos olhos de meus pais, e não só os olhos, mas tudo o que simbolicamente representa o olhar. Esses sentimentos tocaram-me de tal modo que eu enxerguei uma literatura que eu não conhecia, e ela me afetou a ponto de eu querer estudá-la com maior profundidade.

Foi assim que nasceu o interesse de investigar a literatura afro-brasileira contemporânea, em especial na produção literária de Conceição Evaristo. Embora a literatura sempre estivesse presente nas aulas de Língua Portuguesa desta pesquisadora, as leituras literárias realizadas pelos alunos eram basicamente da literatura clássica brasileira e portuguesa. Diante da necessidade de se trabalhar a literatura africana nas aulas, os olhares voltaram-se para os escritos de Conceição Evaristo, autora cuja análise exige olhar para as temáticas históricas e sociais que envolvem a cultura afro-brasileira. Nesse cenário, atraída pela literatura dessa autora e sob o efeito da leitura de seus textos, surgiu o desejo de compreender melhor os seus contos e de me transformar como professora na minha ação em sala de aula. Sendo assim, na busca pela compreensão dessas narrativas, encontrei em Bakhtin a

possibilidade de estender meus conhecimentos acerca da emergência das vozes contidas nos contos de Evaristo.

Esta pesquisa, situada na linha de Constituição e interpretação do texto e do discurso, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, tem como objetivo geral compreender efeitos de sentido produzidos pela emergência das vozes de mulheres negras em contos contemporâneos. Para responder a esse objetivo, elegemos objetivos específicos, os quais são contemplados no desenvolvimento dos capítulos: a) conhecer e explicitar o conceito de enunciado, bem como noções e conceitos correlacionados; b) definir o conceito de heterodiscurso (vozes sociais) na perspectiva bakhtiniana; c) analisar feminismo interseccional com vistas a compreender a emergência das vozes discursivas em quatro contos de Evaristo (2014).

Para tanto, no primeiro capítulo teórico, foram abordados os conceitos de enunciado, bem como noções e conceitos subjacentes, com base em Bakhtin (2003; 2016), Volóchinov (2017) e Faraco (2009), com vistas a compreender esse conceito que se mostrou necessário para análise das vozes dos contos. No segundo capítulo teórico, com apoio novamente em Bakhtin (1992; 2015), Faraco (2009) e Fiorin (2016), definiu-se o conceito de heterodiscurso e de vozes sociais, também com a meta de alcançar o objetivo geral. Por fim, atendendo à sugestão da banca de qualificação, buscou-se compreender e definir o conceito de feminismo interseccional, por meio das escritoras Akotirene (2019) e Ribeiro (2018), com intuito de possibilitar uma maior compreensão dos contos selecionados para análise.

A pesquisa é de natureza descritiva, bibliográfica e qualitativa, pois os fatos são pesquisados em materiais já publicados, que dizem respeito à relação do sujeito com seu mundo real, foram apenas registrados e descritos sem quaisquer interferências nos resultados (Prodanov; Freitas, 2013). A fim de responder ao objetivo principal desta pesquisa, escolhemos quatro contos da obra *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo: *Olhos d'água*, *Maria*, *Duzu-Querença* e *Quantos filhos Natalina teve?*

Para a análise, foram selecionados excertos dos quatro contos, compreendendo-os como enunciados responsivos, os quais produzem heterodiscursos, que colocam em destaque a voz de mulheres negras, historicamente marginalizadas e pouco representadas na literatura brasileira. A análise aponta para a emergência de vozes que pautam questões sociais fundamentais, como a pobreza,

a violência, a discriminação racial e de gênero, além das desigualdades estruturais presentes na sociedade brasileira.

Por ser uma escritora de grande relevância no momento, entende-se ser de grande importância a valorização da cultura afro-brasileira por educadores e estudantes, a fim de que todos possam ampliar sua experiência leitora e, com isso, enobrecer essa identidade cultural. Além disso, a literatura de Evaristo põe em evidência a questão das mulheres e dos negros no Brasil, levando jovens, adolescentes e toda sociedade a uma maior reflexão e criticidade acerca desses temas, bem como contribui para o reconhecimento e a importância da representação feminina no universo cultural e literário.

1 ENUNCIADO: UNIDADE DA COMUNICAÇÃO DISCURSIVA

O estudo sobre enunciado visa trazer esclarecimentos acerca do funcionamento da língua, bem como destacar a relação do sujeito com sua linguagem em uso. Este capítulo, portanto, tem o objetivo de explicitar o conceito de enunciado, bem como as noções e os conceitos correlacionados. Para tanto, busca definir o conceito e as características de língua e linguagem, o conceito de enunciado e suas características constitutivas, como responsividade, alternância do sujeito do discurso, entonação. Ao final, apresenta uma breve discussão sobre vozes dialógicas e índices sociais de valor, conceitos que contribuem para ancorar a reflexão que faremos no próximo capítulo.

Bakhtin, ao buscar desenvolver a ideia de linguagem e compreender sua essência e forma de existência, destaca que a língua requer ser percebida “como um fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação (enunciado) ou enunciações (enunciados)”, e “[...] não constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção” (Bakhtin, 1992, p. 123).

A ideia de que o uso da língua se efetua em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, “proferidos” pelos participantes de uma ou outra esfera da atividade humana; que o enunciado é irrepetível, tendo em vista que é um evento único (pode somente ser citado); que o enunciado é a unidade real da comunicação discursiva, já que o discurso só tem possibilidade de existir na forma de enunciados e que o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva permite compreender a natureza das unidades da língua (a palavra e a oração, por exemplo), faz parte das afirmações feitas por Bakhtin no texto *Os gêneros do discurso* (2003). Em outro manuscrito, *O problema do texto na linguística, na filosofia e em outras ciências humanas*, há a afirmação de que “a língua, a palavra são quase tudo na vida humana” (Bakhtin, 2003, p. 324).

Para o pensador russo, “a língua é uma atividade essencialmente social dada às condições inquestionáveis de comunicação entre os falantes” (Filho; Torga, 2011. p. 02). Nega, portanto, “o objetivismo abstrato, que não aceitava a capacidade de as línguas evoluírem através do tempo, tampouco que as mesmas só podem ser compreendidas no seu processo real de uso”. (Filho; Torga, 2011. p. 02) Nega,

também, “o subjetivismo individualista, que assume ser o indivíduo o centro de estudo da linguagem, como se não sofresse influências significativas do contexto que vivencia, direcionando sua fala para um outro” (Filho; Torga, 2011. p. 02). Nesse sentido, temos as negativas de Bakhtin ao afirmar que a língua possui uma função social, que é a interação entre seus falantes.

A comunicação social emerge na interação entre falantes de uma língua, resultando em enunciados proferidos que podem conter múltiplos significados. De acordo com a perspectiva de Bortolini e Valério (2020):

Entre discursos mobilizados de uma dada esfera da comunicação social, entre enunciados em que tais discursos se concretizam, entre sentidos, na relação entre falantes, que se constituem sujeitos e mobilizam a língua para dizer, e trazem consigo inúmeras “verdades” que emergem de diferentes vozes sociais. A perspectiva dialógica da linguagem, nesse sentido, constrói-se na tessitura de inter-relações entre sujeitos, discursos, sentidos, e vozes que são mobilizadas no evento da interação discursiva (Bortolini; Valério, 2020, p. 48).

Na dinâmica dialógica da linguagem, os enunciados proferidos pelo sujeito vêm carregados de sentidos, e isso se deve pelo fato de que os sujeitos expressam suas verdades, discursos, seus pontos de vista, suas vozes se manifestam no contexto da comunicação discursiva.

Bakhtin (2003) considera o enunciado como objeto de estudos da linguagem, um objeto de significação e um objeto da cultura, social e histórico, sendo um tecido organizado e estruturado. De acordo com o autor, o enunciado deve ser analisado em suas relações internas e externas, incluindo sua organização, a interação verbal, o contexto, o intertexto e as condições de produção. No discurso, convivem diversas vozes sociais que se complementam, polemizam e respondem umas às outras, pois, para Bakhtin, todas as esferas da atividade humana estão intrinsecamente relacionadas à utilização da língua.

O ponto de partida de Bakhtin, conforme Faraco (2009, p. 126), é a estipulação de um vínculo orgânico entre a utilização da linguagem e a atividade humana. Ele argumenta que todas as esferas da atividade humana estão sempre relacionadas com a utilização da linguagem. E essa utilização ocorre por meio de enunciados que emanam dos participantes de uma ou outra esfera da atividade humana. Faraco afirma, portanto, que:

Assim, se queremos estudar o dizer, temos sempre de nos remeter a uma ou outra esfera da atividade humana, porque não falamos no vazio, não produzimos enunciados fora das múltiplas e variadas esferas do agir humano. Nossos enunciados (orais ou escritos) têm, ao contrário, conteúdo temático, organização composicional e estilo próprios correlacionados às condições

específicas e às finalidades de cada esfera da atividade (Faraco, 2009, p. 126).

A atividade humana é, portanto, segundo o autor, o elemento que mantém a língua viva, visto que, durante os momentos de interação, os sujeitos produzem enunciado nos quais os sentidos são construídos com base em suas experiências.

Brait (2006) expressa seu posicionamento sobre a inegável contribuição dos escritos de Bakhtin no campo da linguagem e declara que:

Não se pode negar que o pensamento bakhtiniano representa, hoje, uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem, observada tanto em suas manifestações artísticas como na diversidade de sua riqueza cotidiana. Por essa razão, mesmo consciente de que Bakhtin, Volóchinov, Medvedev e outros participantes do que atualmente se denomina Círculo de Bakhtin jamais tenham postulado um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para funcionar como perspectiva teórico-analítica fechada (Brait, 2006, p. 09).

A linguagem, mencionada pelo autor, manifesta-se tanto nas obras literárias mais elaboradas quanto nos gestos simples do cotidiano. Portanto, ela não é apenas considerada como um sistema abstrato de elementos invariáveis ou como algo individual e variável, mas sim como uma linguagem em uso que combina ambas as dimensões dentro das atividades específicas e concretas de comunicação efetiva entre os sujeitos e o discurso envolvido nessas atividades (Faraco, 2009).

Bakhtin (2003, p. 195) argumenta que "os diferentes usos da linguagem acontecem na forma de enunciados concretos, únicos e proferidos por sujeitos que participam das interações sociais ocorridas em campos específicos de atividade". Esses campos, ou esferas sociais, não apenas impregnam e dão significado aos enunciados com projeções ideológicas, valores e significados específicos, mas também os moldam com base em condições de produção e propósitos discursivos que se refletem no conteúdo temático, estilo e composição dos enunciados.

Sem deixar de considerar a questão do enunciado literário, Volóchinov amplia suas reflexões, envolvendo-se inclusive em uma extensa discussão sobre a própria linguística. Por enquanto, concentra-se em contestar a teorização dos formalistas, desafiando seu conceito de "linguagem poética" e a oposição radical que estabeleciam entre a linguagem comum e a linguagem poética (Faraco, 2009).

Conforme Faraco (2009, p. 117), Bakhtin concebeu a translinguística especificamente para se dedicar à enunciação e aos seus significados. Ele não estava, em princípio, interessado em uma semântica da estrutura linguística em si

(embora não a excluísse), mas sim no estudo da significação do ato de enunciar, especialmente dos efeitos de sentido das relações dialógicas.

O enunciado, de acordo com a visão de Bakhtin, é considerado a unidade fundamental da comunicação discursiva. Cada enunciado constitui um novo acontecimento, um evento único e irrepitível da comunicação discursiva. Ele só pode ser citado e não repetido, pois, nesse caso, constitui-se como um novo acontecimento. “O enunciado nasce na inter-relação discursiva, por isso que não pode ser nem o primeiro nem o último, pois já é resposta a outros enunciados, ou seja, surge como sua réplica” (Filho; Torga, 2011, p. 01). O enunciado é, portanto, o cerne da comunicação entre os sujeitos falantes, pois, somente com a interação humana, constituem-se enunciados.

A conclusibilidade do enunciado é uma espécie de aspecto interno de alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante expressa tudo o que deseja em determinado momento ou sob certas condições. Quando ouvimos ou vemos, podemos claramente perceber o fim do enunciado, como se captássemos a parte conclusiva do falante (Bakhtin, 2016).

Segundo Goulart (2007, p. 95):

[...] o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada esfera social por meio de três aspectos: o conteúdo temático; o estilo verbal, ligado à seleção dos recursos da língua; e, sobretudo, a construção composicional, as linguagens sociais são carregadas de conteúdos determinados, que as especificam.

A responsividade é inerente ao enunciado, pois produzir um enunciado está intrinsecamente ligado à compreensão ativa. Um enunciado sempre surge em um contexto de diálogo com outro enunciado, como resposta a um discurso anterior e provocando respostas responsivas de outros enunciados. Em outras palavras, "toda compreensão é dialógica" (Volóchinov, 2017, p. 232).

A responsividade implica uma compreensão completa e verdadeira do enunciado, levando a uma resposta imediata ou posterior. É o momento em que o outro interlocutor compreende o enunciado e o modifica, recria, completa ou refuta. Responder não se limita a uma resposta verbal ou gestual ao discurso do outro presente no enunciado; na perspectiva bakhtiniana, responder envolve uma atitude responsiva e dialógica (Bakhtin, 2016).

Além disso, para esclarecer ainda mais o conceito de responsividade, Bortolini e Valério (2020) afirmam:

O princípio da responsividade, na concepção dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin, é uma peculiaridade constitutiva do enunciado; dessa forma, não há, nem pode haver enunciado dentro de um evento de interação discursiva sem que haja responsividade. Eis um dos princípios dialógicos por excelência (Bortolini; Valério, 2020. p. 52).

Nesse cenário, concebe-se a responsividade no ato da dialogicidade da fala, exigindo uma resposta ao enunciado produzido anteriormente. Assim como esse princípio, a direção e o endereçamento são características constitutivas de todo enunciado. Acerca desses princípios, Bakhtin afirma:

Um traço essencial (constitutivo) do enunciado é a possibilidade de seu direcionamento a alguém, de seu endereçamento. À diferença das unidades significativas da língua –palavras e orações –, que são impessoais, de ninguém e a ninguém estão endereçadas, o enunciado tem autor (e respectivamente, expressão, do que já falamos) e destinatário. Esse destinatário pode ser um participante-interlocutor direto do diálogo cotidiano, pode ser uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo especial da comunicação cultural, pode ser um público mais ou menos diferenciado, um povo, os contemporâneos, os correligionários, os adversários e inimigos, o subordinado, o chefe, um inferior, um superior, uma pessoa íntima, um estranho, etc. ele também pode ser um outro totalmente indefinido, não concretizado (Bakhtin, 2016, p. 62-63).

Dessa forma, torna-se evidente a importância da relação de diálogo entre o eu e o outro, como uma instância constitutiva tanto do sujeito quanto de sua linguagem, ambos enraizados no dialogismo, que é a base da existência do enunciado. Diante de certas repetições de elementos, eventos e ações dentro de cada esfera da atividade, é possível reconhecer similaridades e a formação de tipos de enunciados relativamente estáveis. O que caracteriza um texto como enunciado, na visão de Bakhtin, “é que ele deve ser analisado na sua integridade concreta e viva, e não como objeto da linguística do texto de hábito mais imanente” (Filho; Torga, 2011, p. 02). A experiência em situações de comunicação e o contato com diversos gêneros discursivos contribuem para o desenvolvimento da competência linguística do produtor de enunciados.

Segundo Bakhtin (2003), os gêneros do discurso resultam em formas-padrão "relativamente estáveis" de um enunciado, determinadas sociohistoricamente. O autor afirma que só nos comunicamos, falamos e escrevemos por meio de gêneros do discurso. Os sujeitos possuem um vasto repertório de gêneros e, frequentemente, não têm consciência disso. Mesmo nas conversas mais informais, o discurso é moldado pelo gênero em uso. O autor ressalta:

É por esta razão que não só compreendemos a significação da palavra enquanto palavra da língua, mas também adotamos para com ela uma atitude responsiva ativa (simpatia, concordância, discordância, estímulo à ação). A entonação expressiva não pertence à palavra, mas ao enunciado. Ao

escolher a palavra, partimos das intenções que presidem ao todo do nosso enunciado (Bakhtin, 1992, p. 310).

A relação com os enunciados dos outros não pode ser separada da relação com o objeto (porque sobre ele discutem, sobre ele concordam, neles as pessoas se tocam) nem a relação com o próprio falante, uma vez que a este, enunciado e realidade se associam. Logo, “Todo enunciado emerge sempre e necessariamente num contexto cultural saturado de significados e valores e é sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição neste contexto” (Faraco, 2009, p. 25). Sob essa óptica, depende-se que todo falante, em detrimento de seu conhecimento de mundo e pontos de vista, é capaz de produzir enunciados e estabelecer sentidos e valores.

O enunciado não é uma construção aleatória da língua, mas sim uma potencialidade. Pode-se considerar gêneros de discurso e enunciados mais ou menos argumentativos, dependendo das condições de produção do discurso e das características e objetivos inerentes aos gêneros utilizados. Segundo Bakhtin:

O enunciado daquele a quem respondo (aquiesço, contesto, executo, anoto) é já-aqui, mas sua resposta é porvir. Enquanto elaboro meu enunciado, tendo a determinar essa resposta de modo ativo; por outro lado, tendo a presumi-la, e essa resposta presumida, por sua vez, influi no meu enunciado (precavendo-me das objeções que estou prevendo, assinalo restrições, etc.). Enquanto falo, sempre levo em conta o fundo aperceptivo sobre o qual minha fala será recebida pelo destinatário: o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada comunicação cultural, suas opiniões e convicções, seus preconceitos (de meu ponto de vista), suas simpatias e antipatias, etc.; pois é isso que condicionará sua compreensão responsiva de meu enunciado. Essas escolhas determinarão a escolha do gênero do enunciado, a escolha dos procedimentos composicionais e, por fim, a escolha dos recursos linguísticos, ou seja, o estilo do meu enunciado (Bakhtin, 1992, p. 321).

Com relação à palavra, Bakhtin (2003) afirma que escolhemos as palavras de acordo com as especificidades do gênero discursivo utilizado no momento. Como o gênero é uma forma típica do enunciado, a palavra incorpora essa tipicidade. Bakhtin considera que a palavra não é apenas dotada de expressão típica, mas também de expressão individual, uma vez que nos comunicamos por meio de enunciações individuais. Ele argumenta que as palavras são incorporadas ao nosso discurso a partir de enunciados de outras pessoas. Segundo o autor: “Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos” (Bakhtin, 2003, p. 295). À diferença do enunciado, palavra e oração são desprovidas de “endereçamento”; não são ditas para alguém, não pertencem e

nem se referem a ninguém, carecem de qualquer tipo de relação com o dizer do outro. Nesse sentido, é perceptível nas abordagens de Bakhtin:

[...] a presença de um componente social, já que o enunciado de um falante é precedido e sucedido pelo de um outro". O enunciado é encarado como produto da interação verbal, determinado tanto por uma situação material concreta como pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma dada comunidade linguística. (Bakhtin, 2003, p. 295).

No que se refere ao enunciado, como objeto de estudo da linguagem, Faraco (2009) ressalta que “dos enunciados advêm diferentes verdades, as quais advêm de vozes sociais distintas, e que se realizam nesses embates sociais – relações dialógicas”. Esses embates são como “uma espécie de guerra de discursos entre forças centrípetas (centralizadoras, monologizadoras, que tentam apagar a heteroglossia) e forças centrífugas (que resistem à monologização e multiplicam a heteroglossia) e estão em permanente tensão” (Faraco, 2009, p. 24). Dessa forma, depreende-se que os discursos por serem carregados de sentidos estão centralizados nas forças centrífugas.

Em adição à compreensão da definição de enunciado e sua constitutividade social, Bakhtin (1998; 2003) discute a questão da alteridade e da construção de sentido a partir dos enunciados de outrem. Para o autor, pertence também ao campo dos estudos do enunciado a investigação dos diferentes graus e tipos de alteridade da palavra do outro. Nessa busca pelo entendimento da constitutividade dialógica do enunciado, Bakhtin afirma que não há enunciados isolados, à medida que todo e qualquer enunciado pressupõe enunciados que o antecederam e aqueles que se sucederão no tempo e no espaço. Assim também, diz que “nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas um elo na cadeia da comunicação discursiva” (Bakhtin, 2003, p. 371). Assim sendo, o discurso é construído de enunciados alheios, que vão se completando e formando um todo de sentido.

Outrossim, ao falar de enunciado, Bakhtin faz referência à conclusibilidade, haja vista que esta associa-se à finalização do discurso de um falante e, em seguida, outro possa iniciar uma nova fala. À vista disso, o autor destaca:

A enunciação caracteriza-se então pela alternância de atos de fala, numa relação dialógica. Esta alternância é uma das peculiaridades do enunciado. Bakhtin salienta que considera o enunciado como resultante de uma memória discursiva, ou seja, repleta de enunciados que já foram proferidos em outras épocas, em outras situações interacionais, nas quais o locutor inconscientemente toma como base para realizar a enunciação do momento, para formular seu discurso. A outra é a sua conclusibilidade específica, ou

seja, um falante termina o seu turno para dar lugar à fala do outro e é isto que permite a possibilidade de resposta (Bakhtin, 2003, p.263).

Como é possível entender, o enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, acabado. Como salienta o autor, “o enunciado sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular e que, ademais, tem relação com valor” (Bakhtin, 2016, p.95). Logo, evidencia-se uma particularidade sua que é a de antecipar o que vai ser dito, como algo inédito. Nesse viés, o texto visto como enunciado tem uma função dialógica particular, autor e destinatário, portanto, como enfatizam os autores, “mantêm relações dialógicas com outros textos (textos-enunciados), isto é, têm as mesmas características do enunciado, pois é concebido como tal” (Filho; Torga, 2011, p. 02). Nesse sentido, o texto, assim como o enunciado, é o elo comunicativo entre autor e leitor.

Do mesmo modo, o enunciado, assim como foi estudado por outros pesquisadores acima, na concepção de Bortolini e Valério (2020. p. 46), “constitui-se como objeto de estudos da linguagem, por ser a real unidade da comunicação discursiva, pois o discurso só existe, verdadeiramente, na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso”. Enunciado é objeto de estudo da linguagem para o Círculo de Bakhtin, mas ele não deve ser estudado isoladamente. O momento de seu acontecimento, bem como a situação social que a envolve, constitui a relação entre sujeitos, fazendo da interação social o fundamento semântico de todo o discurso. E, mais, o enunciado tem esse papel central na concepção bakhtiniana de linguagem “justamente porque a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos envolvidos” (Brait; Melo, 2013, p. 65).

A concepção bakhtiniana de enunciado difere da simples frase enunciada, uma vez que esta última se constituiria apenas em partes textuais enunciadas. Para Filho e Torga (2011, p.01), o enunciado “trata-se de uma unidade mais complexa que transcende os limites do próprio texto, quando este é tratado apenas sob o prisma da língua e de sua organização textual”. Na teoria de Bakhtin, romances, crônicas, saudações, cartas e conversas de salão são consideradas exemplos de enunciado, pois são característicos desse conceito. No entanto, partindo do pressuposto “de que todo enunciado se constitui a partir de outros enunciados, muitos deles atravessam as fronteiras do enunciado, concretizando-se nos diversos modos de citação do

discurso do outro” (Filho; Torga, 2011, p. 01 – 02). Isso justifica a presença de várias vozes no discurso dos falantes.

Bakhtin amplia os limites da competência linguística dos sujeitos para além da frase, direcionando-se para os “tipos relativamente estáveis de enunciados” e para o que ele chama “a sintaxe das grandes massas verbais”, ou seja, “os gêneros discursivos, com os quais temos contato e nos quais vivemos imersos desde o início de nossas atividades de linguagem” (Filho; Torga, 2011, p. 04). Isso acontece porque o enunciado pode ser encarado como produto da interação verbal, influenciado tanto pela situação material concreta quanto pelo contexto mais amplo, que constitui o conjunto das condições de vida de uma comunidade linguística específica.

Acresce também, na concepção de Bortolini e Valério, que o enunciado:

Somente se constitui porque o falante está em relação com o outro. Logo as escolhas lexicais, o discurso mobilizado, estarão sempre em diálogo com que esse interlocutor é, que esfera social ele representa e está inserido, que relação ele estabelece com o interlocutor, todos os fatores que condicionam o tema e o estilo do enunciado, e refletem na interação (Bortolini; Valério, 2020, p. 49).

Nessa perspectiva, o interlocutor desempenha um papel fundamental na construção do diálogo, bem como na determinação do sentido que o diálogo terá em sua conclusão. Como mencionado anteriormente, os conhecimentos prévios do ouvinte, tanto em relação à linguagem quanto ao seu contexto social, desempenham papel crucial na interação entre o falante e o ouvinte.

Em relação aos gêneros discursivos, Bakhtin (1997, p. 279) os define como “tipos relativamente estáveis de enunciados” e enfatiza que “a utilização da língua se efetua em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana”. Nesse sentido, os enunciados dispostos na língua se alteram conforme os falantes se comunicam. Ademais, o autor, em *Os gêneros do discurso*, ressalta que esses enunciados:

[...] refletem as condições específicas e as finalidades de referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional (Bakhtin, 2016, p. 11 - 12).

Volóchinov (2017) também enfatiza o pressuposto forte do Círculo de que a enunciação de um signo é sempre a enunciação de índices sociais de valores, isto é, a enunciação de um signo tem efeitos de sentido que decorrem da possibilidade de sua ancoragem em diferentes quadros semântico-axiológicos, em diferentes horizontes sociais de valores.

Pode-se, assim, pensar em enunciados mais e menos argumentativos, dependendo das condições de produção do discurso e das características e objetivos próprios aos gêneros utilizados. Segundo o autor:

O enunciado daquele a quem respondo, é já aqui, mas sua resposta é por vir. Enquanto elaboro meu enunciado, tendo a determinar essa resposta de modo ativo; por outro lado, tendo a presumi-la, e essa resposta presumida, por sua vez, influi no meu enunciado. Enquanto falo, sempre levo em conta o fundo aperceptivo sobre o qual minha fala será recebida pelo destinatário: o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada comunicação cultural, suas opiniões e convicções, seus preconceitos, suas simpatias e antipatias; pois é isso que condicionará sua compreensão responsiva de meu enunciado. Essas escolhas determinarão a escolha do gênero do enunciado, a escolha dos procedimentos composicionais e, por fim, a escolha dos recursos linguísticos, ou seja, o estilo do meu enunciado (Bakhtin, 1992, p. 321).

O enunciado, em suma, se posiciona em relação ao conteúdo, e à situação de comunicação, desvelando a sua própria posição, a sua avaliação e as suas emoções. Nesse sentido, para Bakhtin, o grau de informação e a compreensão do interlocutor sobre o que está sendo dito é o que decidirá o caminho da comunicação entre falante e ouvinte. O enunciado, segundo Faraco (2009), ao ser concebido:

Apresenta-se como uma realidade consideravelmente mais complexa e dinâmica do que quando ele é entendido simplesmente como um objeto que articula as intenções de quem o produz, isto é, quando se entende o enunciado apenas como um veículo direto e univocal da expressão de uma consciência individual. Quando se diz, que todo enunciado é discurso citado, pode-se sugerir que o sujeito apenas repete os discursos e que não há espaço para a singularidade (Faraco, 2009, p. 86).

Com efeito, em relação ao que Faraco menciona na citação acima sobre enunciado, Volóchinov (2017) salienta que todo enunciado é uma resposta, quer esteja concordando ou não com o que foi dito. Além disso, o enunciado desempenha um papel essencial como elo, causando dependência na comunicação sociocultural. Paralelamente, ao responder, ele aguarda uma resposta. Assim, todo discurso é uma parte integral de uma discussão cultural em grande escala: ele responde ao que já foi dito, refuta, confirma, antecipa respostas e objeções potenciais, procurando apoio. Os enunciados, ao mesmo tempo que respondem ao já dito, provocam continuamente as mais diversas respostas (adesões, recusas, aplausos incondicionais, críticas, ironias, concordâncias e dissonâncias, revalorizações). Em resumo, "não há limites para o contexto dialógico" (Faraco, 2009, p. 58).

Bakhtin, ao concordar com Volóchinov em relação à característica responsiva do enunciado, afirma que:

Todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo. Os próprios limites do enunciado são determinados

pela alternância dos sujeitos do discurso. Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmo; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Todo enunciado é repleto de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva (Bakhtin, 2016, p. 57).

Volóchinov (2017), em todas as suas discussões, alerta o leitor para o fato de que tudo o que ocorre no diálogo face a face é de caráter intrinsecamente social, isto é, a interação face a face não pode, em nenhum sentido, ser reduzida ao encontro fortuito de dois seres empíricos, isolados e autossuficientes, soltos no espaço e no tempo, que trocam enunciados a esmo.

O enunciado não pode ser reconhecido como unidade do nível último e superior ou como um andar da estrutura da língua, uma vez que ele faz parte de um mundo de relações inteiramente diversas, não confrontáveis com relações linguísticas de outro nível. “O enunciado pleno já não é uma unidade da língua, mas uma unidade da comunicação discursiva, que não tem significado, mas sentido” (Bakhtin, 2016, p. 103). Importante lembrar que Bakhtin deixa bem clara a diferença entre os dois termos citados: o significado do discurso não é o uso da língua em sua forma gramatical, mas uma língua como realidade semântico-axiológica; já o sentido do discurso é o uso da palavra viva, corrente e dialógica.

A alternância dos sujeitos do discurso, que determina os limites do enunciado, está aqui representada com excepcional evidência. Contudo, em outros campos da comunicação discursiva, “inclusive nos campos da comunicação cultural, de organização complexa, a natureza dos limites do enunciado é a mesma” (Bakhtin, 2016, p.34). Os sujeitos definem-se nas relações sociais, mas nunca são iguais, nem tampouco coincidentes e, por isso, configurados de heterogeneidade. Faraco (2009) complementa explicando que:

Os sujeitos se definem como feixes de relações sociais: constituem-se e vivem nestes feixes que são múltiplos, não fixos e nunca totalmente coincidentes de pessoas a pessoas – ainda que membros de um mesmo grupo social – os sujeitos são seres marcados por profunda e tensa heterogeneidade (Faraco, 2009, p. 121).

Nesse cenário, os sujeitos da interação comunicativa reagem e proferem enunciados de acordo com suas vivências, seus conhecimentos de mundo, seus pontos de vista sobre as pessoas, sobre os fatos. Ou seja, é o heterodiscurso que irá conduzir para o diálogo.

Para Bakhtin, todos os enunciados estão fundidos com julgamentos de valor social, com uma entonação, com um tom apreciativo. Afirma, portanto, que cada enunciado:

[...] é um elo da cadeia complexa de outros, o enunciado do locutor já contém o germe da resposta, por outro, o processo de compreensão de enunciados envolve a orientação do ouvinte em relação a ela, contextualizando-a, levando este a produzir contra palavras ao enunciado do locutor. Este movimento ativo de enunciação dá-se na apreensão do tema dos enunciados. O autor chama de tema o sentido completo de cada enunciação e, com esse conceito, possibilita entender, principalmente do ponto de vista ideológico, diferenças sutis de significação em enunciados aparentemente semelhantes (Goulart, 2007, p. 97).

Estabelece-se a correlação estreita entre o enunciado e a situação concreta de sua enunciação, bem como entre o sentido do enunciado e uma atitude avaliativa. Essa atitude avaliativa se materializa no tom, na entonação do enunciado, que, por sua vez, emerge do universo de valores.

Para Bakhtin (2003), cada ato de enunciação é composto por diversas “vozes”. Assim, cada ato de fala é repleto de assimilações e reestruturações destas diversas vozes, ou seja, cada discurso é composto de vários discursos. “Dialogam” dentro do discurso, não se tratando apenas de uma retomada, mas de um diálogo construído histórico e socialmente. Dessa forma, conforme Bakhtin (2003, p. 272), “o verdadeiro ambiente de um enunciado” é o plurilinguismo dialogizado (as fronteiras) em que as vozes sociais se entrecruzam continuamente de maneira multiforme, processo em que se vão também formando novas vozes sociais.

Ainda de acordo com o autor, “é no quadro do discurso interior que acontece a apreensão da enunciação de outrem, sua compreensão e sua apreciação” (Bakhtin, 1992, p. 146). O autor entende, também, que é nas formas do discurso que podemos conhecer esses processos. Introduz a expressão vozes sociais ou línguas sociais, entendendo-as como complexos semiótico-axiológicos com os quais determinado grupo humano diz o mundo. Nesse sentido, Bakhtin (1992, p. 271) “apresenta o modo como olha para a linguagem: não como um sistema de categorias gramaticais abstratas, mas como uma realidade axiologicamente saturada; não como um ente gramatical homogêneo, mas como um fenômeno sempre estratificado”.

Para Bakhtin (1992, p.124), “as relações dialógicas não podem ser reduzidas a relações de ordem lógica, linguística, psicológica, mecânica ou natural. São relações de sentido de um tipo especial que se estabelecem entre os enunciados”. Essa ideia pode ser observada no discurso de Faraco, no capítulo 5 do livro de Bakhtin “O

problema da poética de Dostoievski”. Neste, esclarece-se a ideia do autor sobre as relações dialógicas do discurso de que não há relações dialógicas entre palavras ou uma expressão verbal ou sentença, mas que tenha entrado numa relação discursiva na semiose linguística. Nesse sentido, Faraco afirma:

Para haver relações dialógicas, é preciso que qualquer material linguístico tenha entrado na esfera do discurso, tenha sido transformado num enunciado, tenha fixado a posição de um sujeito social. Só assim é possível responder, isto é, fazer réplicas ao dito, confrontar posições, dar acolhida fervorosa à palavra do outro, confirmá-la ou rejeitá-la, buscar um sentido profundo, ampliá-la. Em suma, estabelecer com a palavra de outrem relação de sentido determinado de espécie, isto é, relações que geram significação responsivamente a partir do encontro de posições avaliativas (Faraco, 2009, p. 66).

Depreende-se, portanto, que o enunciado está no discurso, na sua forma dialogizada, cuja réplica acontece quando se entende o discurso de outrem. Isso ocorre por meio das relações sociais do sujeito ouvinte; este, por sua vez, responde de acordo com o sentido estabelecido no ato discursivo.

As relações dialógicas, para Faraco (2009, p. 66), “são relações entre índices sociais de valor, que constituem parte inerente de todo enunciado, entendido não mais como unidade da língua, mas como unidade da interação social”. Isso significa que a relação não está na sua complexidade, voltada para as palavras em si, mas para a relação das pessoas no seu convívio social e de forma organizada.

Segundo Faraco, para o escritor russo Bakhtin, as relações dialógicas são possíveis não apenas entre enunciados integrais, relativamente completos, mas também ressalta que:

Uma abordagem dialógica é possível em relação a qualquer parte significativa de um enunciado, mesmo em relação a uma só palavra, caso aquela palavra seja percebida não como uma palavra impessoal da língua, mas como um signo da posição semântica de outro alguém, como o representante do enunciado de outra pessoa; isto é, se ouvirmos nela a voz de outro alguém. Assim, relações dialógicas podem permear o interior do enunciado, mesmo o interior de uma só palavra, desde que nela duas vozes colidam dialogicamente (Faraco, 2009, p. 67).

Dessa forma, as relações dialógicas manifestam-se por meio de uma só palavra, desde que esta esteja permeada de sentido. Sabe-se, pois, que todo enunciado é sobrecarregado de sentido, que deve ser entendido e interpretado pelos sujeitos do discurso.

Para Bakhtin e Volóchinov (2006, p. 16), “enunciar é tomar uma posição social avaliativa, é posicionar-se frente a outras posições sociais avaliativas, já que falam sempre numa atmosfera social saturada de valorações”. Portanto, enunciar é também

instituir juízo de valor sobre fatos, pessoas e discursos. Além do mais, os autores ratificam que:

Os enunciados emergem como respostas ativas que são no diálogo social da multidão das vozes interiorizadas. Eles são, assim, heterogêneos. Desse ponto de vista, os enunciados são sempre discurso citado, embora nem sempre percebidos como tal, já que são tantas as vozes incorporadas que muitas delas são ativas em nós sem que percebamos sua alteridade (Bakhtin; Volóchinov, 2006, p. 13).

É necessário ter conhecimento sobre discursos, pois a construção das relações dialógicas é fundamental para a construção dos sentidos. As relações dialógicas podem ser construídas de diversas formas e podem encontrar-se materializadas nos textos por meio das retomadas, as quais são realizadas ao discurso alheio de forma aproximada e distanciada. As retomadas apropriam-se da linguagem ao se tornarem imersas nas variadas formas de comunicação verbal, que se associam a diferentes esferas da comunicação humana e definem os infinitos gêneros discursivos existentes.

Portanto, é importante ressaltar o enunciado como unidade de comunicação discursiva e essencialmente social, pois, sendo assim, seu valor vem carregado de sentido, trazendo consigo sujeitos que se alternam nas mais variadas respostas, as quais são únicas. Outrossim, a alternância e o entrecruzamento das vozes sociais fazem parte, como citado anteriormente, dos discursos heterogêneos, que serão tematizados no próximo capítulo.

2 AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE SENTIDO EMERGENTES NO CONCEITO DE HETERODISCURSO

2.1 ORIGENS DO CONCEITO DE HETERODISCURSO

Este capítulo tem por finalidade aprofundar um conceito importante para esta pesquisa, que é o de heterodiscurso. Para tanto, organiza-se em duas seções: na primeira serão explanadas as origens do conceito de heterodiscurso ou heteroglossia em Bakhtin, conceito esse designado pelo estudioso e tradutor Paulo Bezerra e pelos também estudiosos Faraco e Renfrew, como forma de apresentar as concepções de língua e de múltiplas vozes apresentadas em um texto. O romance é o ponto principal dos estudos de Bakhtin. Dessa forma, serão exploradas as múltiplas vozes encontradas em um texto romanesco, que não apresenta apenas a linguagem do escritor, pronta e acabada. Na segunda seção, discutir-se-á sobre o heterodiscurso e o heterodiscurso dialogizado, fator esse que demonstra a interpretação de um texto, em especial o romance, que o é ponto central deste estudo. Assim, serão explorados todos os tipos de vozes, como a do autor, a do narrador e a dos personagens, podendo variar seus estilos, dependendo do nível de seu conhecimento de mundo, seu ponto de vista, seu tempo histórico e sua cultura.

O conceito de heterodiscurso (ou heteroglossia) advém do estudo de Bakhtin sobre o romance, quando o autor define que “o verdadeiro ambiente do enunciado é o plurilinguismo dialogizado (são as fronteiras) em que as vozes sociais se entrecruzam continuamente de maneira multiforme, processo em que se vão também formando novas vozes sociais” (Faraco, 2006, p. 57). Esse termo apresenta duas traduções em português brasileiro, “heterodiscurso” é o termo usado pelo tradutor Paulo Bezerra, sendo que Faraco utiliza “heteroglossia”. Nesta pesquisa, optou-se por “heterodiscurso”, cujo termo é mais recente nas publicações.

O conceito de heteroglossia ou heterodiscurso nasceu de estudo da década de 30 sobre o romance, como uma característica que Bakhtin encontrava nesse gênero, característica que, para ele, não havia na poesia. No entanto, ao se fazer o estudo da estilística, que é o estudo da forma, o gênero que os formalistas russos da década de 20 consideravam como gênero maior, mais importante e mais erudito, era a poesia e não o romance. Bakhtin, porém, sendo leitor de muitos romances, sem menosprezar a poesia, afirma que aquele possui muitas características diferentes, nunca vistas ou

estudadas pelos formalistas. Característica diferenciada, que não se pode observar na poesia, somente no romance, que é a possibilidade de construir diferentes sentidos a partir das escolhas das palavras, dos termos, das expressões, das personagens, dos pontos de vista, das pessoas que caracterizam e que integram o gênero romance. Sobre esse contexto, em relação às premissas que regem a poesia e a prosa, o autor afirma que:

Na maioria dos gêneros poéticos a unidade do sistema da língua e a unidade (e singularidade) da individualidade linguística e discursiva do poeta, que se realiza imediatamente em tal unidade, são premissas indispensáveis do estilo poético. O romance, por sua vez, não exige essas condições – inclusive, como já afirmamos, a premissa da autêntica prosa romanesca é a estratificação interna da língua, seu heterodiscurso social e a dissonância individual que o povoa. (Bakhtin, 2015, p. 32)

Quando Bakhtin faz a comparação entre a poesia e o romance, fica clara sua diferenciação no quesito linguagem, visto que a poesia apresenta uma linguagem única e individual, o que não ocorre no romance, pois neste ocorre o plurilinguismo, o ajustamento das palavras na formação do discurso. Isso faz com que haja abertura para a dialogização, pelo uso dos gêneros linguísticos na formação de um corrente heterodiscursivo.

A diferença do uso da linguagem encontrada por Bakhtin entre o romance e a poesia foi o foco principal para que ele fizesse um estudo mais aprofundado sobre os textos romanescos, o que levou à descoberta de uma emaranhada estrutura linguística, uma diversidade de vozes e um grande relacionamento das ideias entre os personagens que, ora se combinam, ora se contradizem, formando uma diversidade de agir, de falar, de pensar, de se comportar, etc., num jogo de concordância e discordância, demonstrando uma forma diferenciada de construção textual em relação à poesia. Esse fenômeno Bakhtin chamou de discurso dialogizado ou heterodiscurso.

2.2. O HETERODISCURSO

No capítulo anterior sobre enunciado, Bakhtin (1992, p.123) conceitua a língua “como um fenômeno social da interação verbal”. Dessa forma, a língua é o meio principal da interação entre os falantes, como forma de comunicação do dia a dia, em diferentes atos de expressividade, palavras que expressam sentido ao interlocutor. Assim, de acordo com o escritor russo:

Toda manifestação verbal socialmente significativa é capaz de, às vezes por muito tempo, às vezes para um amplo círculo, contagiar com suas interações

os elementos da língua atraídos para a sua aspiração semântica e expressiva, importando-lhes determinadas nuances semânticas e determinados tons axiológicos: assim ele pode criar uma palavra-lema, uma palavra-desaforo, uma palavra-elogio, etc. (Bakhtin, 2015, p. 65).

Comunicar-se de forma singular e única é característico de grupo, de uma geração, e de uma manifestação cultural etc., que possui, na sua essência, sua própria linguagem, seu conjunto linguístico comunicativo constituído de expressividade. Portanto, os falantes dessa língua a tornam elemento vivo nessa interação comunicativa, povoada de palavras compostas de sentido e de significado.

Em direção oposta à ideia anterior que traz a língua viva, com uma linguagem aberta, dialogizada, fator essencial da interação verbal entre seus falantes, a categoria de língua única, segundo Bakhtin (2015), é uma expressão teórica dos processos históricos da unificação e centralização da linguística, uma expressão das forças centrípetas da língua. Assim, como pode ser observado na descrição a seguir, uma especificidade textual era, à época, o modo como era vista a poesia, que traria uma linguagem única, pronta e acabada, sem espaço para dialogização. Isso é devido à poesia ter uma linguagem monológica, sem a característica da dialogização. De acordo com o filósofo:

No gênero poético em sentido restrito, a dialogicidade natural do discurso não é artisticamente empregada, a palavra se basta a si mesma e fora de seu âmbito não pressupõe os enunciados do outro. O estilo poético está convencionalmente desligado de qualquer interação com o discurso do outro, de qualquer mirada para o discurso do outro. (Bakhtin, 2015, p. 59).

Vimos que a poesia tem como característica básica a centralização da língua voltada para o interior do discurso, reduzindo-o a um denominador comum. Em relação ao romance, pode-se observar uma linguagem completamente oposta, pois traz um discurso aberto, alheio e acolhe diferentes formas linguísticas e se mantém aberto ao diálogo. Dessa forma, segundo Fiorin (2016, p. 85), “o discurso romanesco acolhe as diferentes falas e as distintas linguagens, constrói-se na diversidade de vozes, na variedade de discursos, na multiplicidade de maneiras de dizer.” De acordo com essas características, pode-se concluir que no romance o discurso é dialógico. Ou seja, perpassa todas as fronteiras da língua e do próprio discurso do falante, indo além do enunciado de uma pergunta e resposta, percorrendo o discurso entre a palavra e o objeto, o eu e o outro, o falante com sua resposta antecipada e todo o processo da interação verbal, de sua totalidade viva e real.

Conforme Bakhtin (2015, p. 27), “O romance como um todo verbalizado é um fenômeno pluriestilístico, heterodiscursivo, heterovocal.” O termo pluriestilístico

significa múltiplos estilos, variados estilos. Dentro do romance podem ser representados, por exemplo, “pelo discurso estilisticamente individualizado do herói, pelo skaz do narrador centrado no cotidiano, pela escrita, etc” (Bakhtin, 2015, p. 29).

Logo, a respeito de heterodiscurso, Bakhtin postula:

A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, modos de falar de grupos, jargões profissionais, as linguagens dos gêneros, as linguagens das gerações e das faixas etárias, as linguagens de tendências e dos partidos, as linguagens das autoridades, as linguagens dos círculos e das modas passageiras, as linguagens dos dias sociopolíticos e até das horas, a estratificação interna de cada língua em cada momento de sua existência histórica é a premissa indispensável do gênero romanesco. (Bakhtin, 2015, p.30)

Tomando a declaração “O romance é um heterodiscurso social artisticamente organizado” em sua real densidade (Bakhtin, 2015, p.29), pode-se depreender que a forma romanesca, em sua totalidade, é composta pelo heterodiscurso, que, junto à dissonância, segundo o autor, “penetram no romance e nele se constituem num harmonioso sistema literário. Nisto está a peculiaridade específica do gênero romanesco” (Bakhtin, 2015, p.77). Como é possível perceber, o conceito de heterodiscurso advém do estudo do autor russo sobre o gênero romance.

O romance é um gênero heterovocal, uma vez que possui relação com as múltiplas vozes, em oposição ao monologismo. Enquanto o monologismo busca a centralização, representando uma força centrípeta, o conceito de heterovocal está associado às forças centrífugas, buscando a abertura das ideias em vez do fechamento. O fenômeno heterovocal no romance envolve as múltiplas vozes encontradas na situação verbalizada, incluindo a fala do narrador e das personagens, bem como o pensamento do narrador e das personagens, além de outras vozes.

O heterodiscurso, de modo geral, refere-se à multiplicidade de linguagens dentro de uma mesma língua, ou seja, diversos discursos, expressões e vozes competindo pelo mesmo espaço na comunicação verbal. Essas vozes representam várias línguas que se entrelaçam, incorporando diferentes estilos sociais, culturais e jargões, criando uma multiplicidade de dialetos. Essas vozes, à medida que interagem umas com as outras, estabelecem uma dinâmica comunicativa dentro do discurso do romance.

Assim, cada discurso, segundo Bakhtin, pode ser entendido como a materialização, no universo ficcional, de uma determinada perspectiva social, uma vez que são “pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de sua compreensão

verbalizada, horizontes concreto-semânticos e axiológicos específicos” (Bakhtin, 2015, p.67).

O termo heterodiscurso não está dissociado do conceito de dialogismo, ou de heterodiscurso dialogizado, uma vez que ambos falam de uma mesma língua viva de falantes que se comunicam individualmente ou grupos sociais, por meio de uma diversidade de linguagens e discursos. Outrossim, cumpre-nos o compromisso de nos enveredar sobre o mundo da dialogicidade do discurso e trazer para este trabalho o encontro das vozes com seus sujeitos nas relações sociais de que participam.

2.3 O HETERODISCURSO DIALOGIZADO

O conceito de dialogismo, conforme Fiorin (2016), está relacionado com a ideia de que dois enunciados são capazes de estabelecer sentido ao se relacionarem mutuamente. Isso se deve pelo fato de que, numa interação comunicativa, esses enunciados possuem características dialógicas. O dialogismo não é um espaço de negociação, mediação e conflito no qual o discurso seria escolhido e repassado, pois não envolve apenas o emissor e o receptor, mas, sim, uma tendência ativa do discurso de outrem e a incorporação do outro no diálogo, de modo que o outro possa ser constituído também como sujeito-emissor. Logo, a presença das palavras do outro nas do eu irá construir a dialogicidade.

A dialogicidade interna, segundo Bakhtin (2015, p.58), “só pode tornar-se força essencial geradora de forma no romance onde as divergências e contradições individuais são fecundadas pelo heterodiscurso social”, logo, os “ecos dialógicos não fazem ruídos nos topos semânticos do discurso, mas penetram em suas camadas profundas e dialogizam a própria linguagem, a própria cosmovisão linguística” (Bakhtin, 2015, p.58). Essa dialogicidade interna está ligada à dialogicidade geral de todo o heterodiscurso nos modelos clássicos de romance. Para o autor (2015), aí se revela e atualiza a natureza dialógica do heterodiscurso, as linguagens se correlacionam entre si e iluminam umas às outras.

Na dialogicidade interna da palavra, o discurso está mergulhado em uma série de valores. Em outras palavras, ele incorpora uma enorme quantidade de vozes com suas múltiplas interpretações trazidas por conceitos culturais, sociais, temporais, grupais, pontos de vista e visões de mundo, entre outros. Esses fatores devem ser

respeitados pelo autor como condição básica para seu discurso. Sobre esse conceito de dialogicidade, Fiorin também destaca que:

A dialogicidade interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. (Fiorin, 2016, p. 22)

A afirmação de que a língua é inteiramente heterodiscursiva está associada à ideia de dialogicidade interna do discurso do romance. O discurso ganha vida a partir da formulação de um texto, e para que isso ocorra, é necessário haver tanto um leitor quanto um autor que escreva ou fale para que, de fato, o discurso materialize-se.

Esse discurso coexiste por meio de contradições entre o presente e o passado, em diferentes épocas, com entonações expressivas, tonalidades e gestos. Nesse sentido, quando é retirado da palavra morta, ele se transforma em um texto vivo, discursivo e dialogizado. Sendo assim, de acordo com Fiorin:

Não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos. Por isso, todo discurso que fala de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras. (Fiorin, 2016, p. 22).

Nessa perspectiva, ao falar da dialogicidade do enunciado, estamos nos referindo à combinação de palavras da língua em que ele é enunciado. A afirmação de que ele não existe fora das relações dialógicas implica, segundo Fiorin (2016), sempre haverá a existência de outros enunciados que estão sendo refutados, confirmados, completados e presumidos por outros enunciados, advindos de um falante e de um ouvinte que compartilham de uma mesma situação, levando-os a uma compreensão e conhecimento dos fatos que lhes conferem sentido.

Essa relação dialógica do enunciado não significa o diálogo pensado para resolver conflitos. Sua finalidade é promover sentidos trazidos pelos termos que, de acordo com as unidades da língua, representam possibilidades de sentido. Isso pode ser explicado por Fiorin (2016, p. 28): “contratuais ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de aceitação ou de recusa, de acordo ou de desacordo, de entendimento ou de desinteligência, de avença ou desavença, etc”. Logo, a escolha de uma ou de outra resposta vai depender, por exemplo, da visão de mundo, do ponto de vista do falante e do ouvinte a respeito do assunto verbalizado.

A linguagem estudada por Bakhtin, segundo Fiorin (2016), assume grande importância no campo das relações sociais e da comunicação social do sujeito. Sua

atuação sempre está voltada para o outro, assim como se constitui no relacionamento com o outro. A relação de sentido entre as vozes do sujeito com o outro ocorre por meio de uma interação social dialogizada. Dessa forma, “O sujeito vai constituindo-se discursivamente, apreendendo as várias vozes sociais que compõem a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas” (Fiorin, 2016, p. 61).

De acordo com Renfrew (2017, p. 131), "O romance é um sistema dialogizado, composto por imagens, linguagens, estilos e consciências." Da mesma forma, para Bakhtin, nas relações dialógicas, a imagem é heterodiscursiva, pois produz linguagem. Nesse contexto, existem várias possibilidades de leitura e interpretação, uma vez que não existe uma interpretação correta única; podem ocorrer duas ou mais possibilidades de sentido. Essas leituras são possibilidades devido ao caráter dialógico do discurso, que envolve diferentes pontos de vista e gera efeitos de sentido. As significações resultantes das palavras, frases e ideias são produtos do dialogismo e não são exatas nem acabadas. Conforme Renfrew (2016, p. 118), "O dialogismo é uma característica do uso concreto da língua; os conceitos são inerentemente dialógicos - todo sentido é dialógico".

O dialogismo também representa uma resposta e múltiplas possibilidades, refletindo diferentes pontos de vista sobre o mundo de quem lê, com sentidos variáveis. Porém, com o passar dos anos, essa mesma imagem poderá adquirir novos sentidos, uma vez que o momento será outro, as possibilidades serão outras, os pontos de vista serão outros. Isso ocorre porque a língua é intrinsecamente dialógica e depende do sujeito que lê, de suas certezas e incertezas, de seu conhecimento de mundo acerca de outras leituras já realizadas. Tudo isso interfere e promove o dialogismo, porque a língua é essa potência de possibilidades de sentido.

A língua, portanto, segundo Renfrew (2017, p. 127), “é, então, necessariamente “ideologicamente saturada”, ou seja, está transbordante, repleta de pontos de vista, opiniões e horizontes conceituais.” Além disso, é concebida por Bakhtin como heterodiscursiva e o seu discurso é dialogizado. Sob tal óptica, o autor assevera que:

Todas as línguas do heterodiscurso, qualquer que seja o princípio que sirva de fundamento ao seu isolamento, são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de sua compreensão verbalizada, horizontes concreto-semânticos e axiológicos específicos. Como tais, todas elas podem ser confrontadas, podem completar umas às outras, podem contradizer umas às outras, podem ser correlacionadas dialogicamente. Como tais, vivem de modo real, lutam e se firmam no heterodiscurso social. (Bakhtin, 2015, p. 67)

Depreende-se, portanto, que a língua, sendo discursiva, não se restringe a uma superfície dos enunciados, ela está mergulhada no processo discursivo, aberta a outras possibilidades, a outros horizontes. Esse processo é composto pelo meio social no qual foi inserida, que a receberá de diversas formas interpretativas e novos discursos serão criados por outrem, de acordo com o momento e o local onde está inserido. Isso forma a verdadeira língua discursiva, visto que em todo momento está viva e em processo de construção de um novo discurso.

A prosa romanesca não admite a ideia de uma língua única, pois sua consciência linguística está concatenada às muitas linguagens do heterodiscurso. Este, ao se inserir no romance, nas palavras de Bakhtin (2015, p.113), “é discurso do outro na linguagem do outro, que serve à expressão refratada das intenções do autor.” Estas intenções podem ser observadas nas falas do narrador e das personagens, nos pensamentos do narrador e das personagens. Cada um traz uma variedade de vozes sociais que se relacionam e dialogam umas com as outras. Destarte, o romance, de acordo com Renfrew (2017, p. 131), “pode ser definido como uma diversidade de tipos de discurso social (por vezes, até mesmo como uma diversidade de linguagens) e uma diversidade de vozes individuais, artisticamente organizada”.

O sujeito do romance compartilha com outro sujeito um diálogo social, ativo e vivo, e essa construção dialógica ocorre por meio das forças centrífugas, pois permitem à língua ampla abertura para se desenvolver diante da diversidade de linguagens que nela vivem. Faraco (2009, p.121) exemplifica que “os sujeitos se definem como feixes de relações sociais: constituem-se e vivem nestes feixes que são múltiplos, não fixos e nunca totalmente coincidentes de pessoas a pessoas, os sujeitos são seres marcados por profunda e tensa heterogeneidade”.

Nesse contexto, o romance tem uma linguagem apropriada para o discurso dialogizado, uma pluralidade de linguagens e vozes que se interagem mutuamente, relacionando-se entre si num jogo de concordância e discordância que se perpetua numa infinidade dialética comunicativa. É nessa interação de comunicação que o discurso dialogizado se transforma em discurso vivo dentro do romance. Dessa forma, “em O discurso no romance, a orientação dialógica do discurso é, naturalmente, propriedade de todo discurso. É a orientação natural de todo discurso vivo” (Renfrew, 2017, p. 130).

Nesse sentido, a orientação dialógica do discurso é naturalmente do discurso, uma vez que no romance são utilizadas variadas formas linguísticas que abrem portas para uma dialogização infinita de discussões, tornando palavras mortas em discurso vivo conseqüentemente.

Após a apresentação de conceitos de heterodiscurso e sua dialogização no gênero romanesco, serão explanados os exemplos oito e nove utilizados por Bakhtin, os quais demonstram formas de escrita discursiva. As marcas do heterodiscurso estão postas de maneiras visíveis ao leitor nos exemplos abaixo, ambos relacionados ao romance de Turguêniev.

Exemplo oito (Terra virgem): “Em compensação, Kalloméitsiev meteu sem pressa sua lente redonda entre o nariz e a sobrancelha e fixou o olhar *no jovem estudante, que se atrevia a não partilhar dos seus ‘receios’*.” (Bakhtin, 2015, p. 105). Nessa exemplificação, Bakhtin (2015) demonstra que o discurso dado por Turguêniev é formado por: acentos, tons, discurso do autor e arremedo do herói. Ainda sobre essa ideia do trecho do romance de Turguêniev, Bakhtin discorre que:

A escolha das palavras (“estudante”, “se atrevia a não partilhar”) é determinada pela expressão indignada de Kalloméitsiev e ao mesmo tempo, no contexto do discurso do autor, essas palavras estão perpassadas de acentos irônicos do autor: por isso a construção tem dois acentos (uma transmissão irônica e um arremedo da indignação do herói). (Bakhtin, 2015, p. 105).

O discurso do autor e das personagens está impregnado de palavras carregadas de pontos de vista, avaliações, intenções alheias, universos sociais alheios e horizontes alheios. Essa heterodiscursividade está imbricada ao potencial de estratificação de suas linguagens, que, estilisticamente, torna-se elemento fundamental de suas consciências na prosa romanesca.

Exemplo nove (Terra virgem):

Era estranho seu estado de alma. Quantas novas sensações, quantas novas pessoas nos últimos dois dias... pela primeira vez na vida ele se entendia com a moça que, ao que tudo indicava, estava amando; presenciava o início de uma atividade à qual, ao que tudo indicava, tinha dedicado todas as suas forças... E então? Estava contente? Não. Vacilava? Estava acovardado? Estava acanhado? Oh, é claro que não. (Bakhtin, 2015, p. 105).

O autor explica mais uma forma de discurso:

Aqui estamos, em essência, diante de uma forma de discurso direto impessoal do herói. Por seus traços sintáticos é um discurso do autor, mas toda a sua estrutura expressiva é de Niejdánov. É o seu discurso interior, porém numa transmissão ordenada pelo autor e com perguntas provocativas do autor e depreciações ironicamente desmascarantes (“ao que tudo indica”), se bem que mantendo o colorido expressivo da personagem. (Bakhtin, 2015, p. 106-107).

Nessa estrutura linguística do autor sobre o romance no discurso do herói, percebe-se um discurso do outro na linguagem do outro. Essas marcações estão presentes no uso de palavras disseminadas pelo discurso do narrador e das personagens, além de elementos alheios que manifestam expressividade, que, para Bakhtin (2015, p.101-102), “constitui-se de reticências, perguntas, exclamações do outro”. Estes elementos, portanto, provocam o outro e a si mesmo, constroem outros discursos através do próprio discurso e configuram o que podemos chamar de discurso dialogizado.

Em suma, o romance foi o ponto crucial do estudo de Bakhtin. Nele, o autor encontrou sua fundamentação teórica para seus estudos, bem como uma estrutura linguística que possibilitou a descoberta de um texto característico, que apresentava uma diversidade de semi-discursos de personagens e autores, que se relacionavam como se fossem um, e ao mesmo tempo separados nas formas de pensar e agir. Segundo o autor, é no romance onde se encontra a multiplicidade de linguagem dentro de uma mesma língua, disputando o mesmo espaço, com suas variedades de estilos em uma mesma forma textual, que se desenvolve em forma de discurso, que, por sua vez, está entrelaçado nas vozes, às vezes do autor, às vezes do narrador e dos personagens, denominando-se heterodiscurso dialogizado, pois vai além de uma multiplicidade de estilo do discurso do gênero.

Os conceitos estudados nos capítulos 1 e 2 servirão de base para a produção do próximo, no qual será realizada a análise de contos de *Olhos d'água* da escritora Conceição Evaristo. Esse estudo prévio possibilitará reflexões sobre a década de 1920, refletidas na atualidade. Ademais, os conceitos mobilizados por Bakhtin foram pensados para outros autores de outras épocas, de outros tempos, e serão conduzidos para o presente, oferecendo uma análise mais profunda de uma autora e de seu texto contemporâneo, observando as diferentes linguagens e estilos (variedade de vozes sociais e seus sentidos), que compõem uma mesma língua.

3 INTERSECCIONALIDADE: SUA RELEVÂNCIA NO CONTEXTO SOCIAL E LITERÁRIO

A ideia de que a prosa romanesca não admite uma língua única, pois em seu universo há muitas outras linguagens, remete o leitor à literatura da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo¹. O cerne de sua produção literária é construído a partir da figura de uma mulher que representa seu povo. E mesmo diante de diversas adversidades, ela consegue sobrepor-se e abrir caminhos para outras mulheres que assim como ela, são discriminadas por sua raça, classe social, crença e outras formas de discriminação.

Nesse contexto, este capítulo visa abordar a questão do feminismo negro e de interseccionalidade. Em seguida, tratar-se-á de compreender os efeitos de sentido produzidos pela emergência da heterogeneidade discursiva em contos de uma escritora contemporânea brasileira. A análise de contos selecionados do livro “Olhos d'água” de Conceição Evaristo nos conduzirá à discussão e à compreensão dos sentidos gerados pelas várias vozes que se entrelaçam, produzindo dialogicidade no interior dos discursos das personagens, especialmente as femininas. Portanto, será importante destacar o ser “mulher”, suas fragilidades e fortalezas, bem como dar ênfase ao termo “interseccionalidade”, cujos conceitos trarão ao centro da discussão os vários eixos discriminatórios enfrentados pelas mulheres. Acredita-se que a compreensão dos conceitos sobre o papel da mulher na sociedade, especialmente da mulher negra, à luz da interseccionalidade, nos ajudará a compreender a representação feminina nos contos de Evaristo.

Sob esse viés, é válido fazer referência, neste texto, a autoras negras como a estadunidense Kimberlé Crenshaw, Patrícia Hill Collins, Grada Kilomba, Angela Davis, além das brasileiras Carla Akotirene, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Com suas ideias inovadoras, essas autoras colocam as mulheres no lugar de protagonistas de suas histórias, mostrando-as como fortes e guerreiras na luta cotidiana. Suas palavras as empoderaram e fizeram com que se sentissem capazes de ocupar qualquer lugar que desejassem.

¹ A Autora Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em uma favela de Belo Horizonte em 29 de novembro de 1946. É graduada em Letras pela UFRJ, mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro e doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense.

3.1 A INTERSECCIONALIDADE E A MULHER: COLONIALISMO E PATRIARCADO

O termo “interseccionalidade” foi primeiramente conceituado por Kimberlé Crenshaw, afro-americana, após a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância em Durban, na África do Sul, em 2001:

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (Akotirene, 2019, p.19).

Nessa perspectiva, depreende-se uma prática discriminatória que afeta as mulheres e que interseccionam fatores raciais e sociais. Ou seja, diferentes tipos de opressões estão interligados, e não é possível pensá-los de forma isolada, pois são indissociáveis. O termo ligado ao feminismo negro deixa evidente a relação de gênero, raça e outras formas de discriminação. Logo, na combinação de opressões, a interseccionalidade não permite que identidades sejam negadas em função de outras, e também não estabelece hierarquias entre as opressões, ou ainda, que não haja primazia de uma opressão em relação a outras, “que estejam todas em um mesmo patamar de igualdade analítica” (Akotirene, 2019, p. 36).

A escritora Carla Akotirene relaciona os eixos discriminatórios de gênero, raça e classe ao colonialismo, já que naquela época a mulher negra era vista apenas como dona do lar ou para trabalhos domésticos nas casas dos senhores e senhoras detentores do poder, além de criar e educar os filhos dos brancos. Além do discurso do patriarcalismo, que de acordo com Akotirene (2019, p. 30) visa “tornar a mulher uma categoria de “Outro”: obedientes filhas, boas esposas, mães compulsórias e cúmplices das violências praticadas contra elas”. Nessa concepção, a mulher negra, participante do movimento negro, busca, através de suas lutas, desmistificar essas ideias disseminadas no passado e ainda imbricadas em algumas consciências machistas, e em consonância com o conceito de interseccionalidade:

[...] permite às feministas criticidade política a fim de compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça às opressões estruturantes da matriz colonial moderna da qual saem (Akotirene, 2019, p. 37-38).

Vistas por essa ótica, de acordo com Akotirene (2019), as mulheres negras, por assim serem declaradas, devem suportar a dor física pelo eixo da raça. Não

obstante, pelo eixo de classe, elas protagonizam suas vidas, passando de geração em geração na pobreza, cabendo a elas apenas o trabalho do lar, na esperança de vencer as dificuldades que todos os dias surgirão devido às forças do imperialismo colonial. Controladas por este e herdeiras de traumas psíquicos, além de perdas de significados espirituais e linguísticos, as mulheres negras foram e ainda são silenciadas, impedidas de expressar seus pontos de vista e suas dores causadas pela violência que, nos dias de hoje, assola suas vidas. Destarte, tais situações fazem com que as mulheres negras tragam para suas lutas diárias o protótipo de força e, por conseguinte, encarnem o papel de mulher guerreira, muitas vezes proibindo-se de mostrar seu lado fragilizado, próprio de toda mulher.

Sob tal ótica, a escritora Djamilia Ribeiro assevera:

[...] que a construção da mulher negra como inerentemente forte era desumana. Somos fortes porque o Estado é omissivo, porque precisamos enfrentar uma realidade violenta. Internalizar a guerreira, na verdade, pode ser mais uma forma de morrer. Reconhecer fragilidades, dores e saber pedir ajuda são formas de restituir as humanidades negadas. Nem subalternização nem guerreira natural: humana (Ribeiro, 2009, p. 20-21).

Outrossim, em seu livro "Quem tem medo do feminismo negro?", Djamilia, assim como Akotirene, destaca o silenciamento imposto à mulher negra por uma sociedade com traços colonialistas. Nesse sentido, a autora menciona Grada Kilomba, pesquisadora e professora da Universidade de Humboldt, que, ao se referir ao silêncio imposto à mulher "negra", discorre sobre as máscaras usadas pelos escravos para cobrir suas bocas e impedi-los de reclamar ou gritar suas dores. Em outras palavras, por meio dessas máscaras, conforme Ribeiro (2009, p.18), "o projeto colonial de impor silêncio, um silêncio visto como a negação de humanidade e de possibilidade de existir como sujeito". Ribeiro acrescenta que "ainda que sejam caladas e negligenciadas, vozes se insurgem". Isso ocorre porque a luta das mulheres negras sempre foi em busca de seu lugar de fala, e desde então, não conseguiram fazê-las se calar diante dos marcadores sociais, cujo objetivo principal é e será a inferiorização das pessoas negras. Contudo, suas vozes foram e se rão ouvidas, mesmo pelos orifícios das máscaras do silenciamento, dada a dimensão de sua força e poder de mudança.

3.2 A INTERSECCIONALIDADE E O RACISMO

Conforme Djamilia Ribeiro (2009, p. 39), "Racismo é um sistema de opressão que visa negar direitos a um grupo, que cria uma ideologia de opressão a ele". O

grupo ao qual a autora faz referência, são as mulheres negras, e ela acrescenta que ser racista "é não ouvir o que as mulheres negras estão dizendo para corroborar com o lugar que o racismo e o machismo criaram para a mulher negra". Essa forma de opressão visa tirar a dignidade e a humanidade de uma pessoa devido à sua cor e, assim, submetê-la a situações degradantes. É na relação de poder que se percebe a condição do negro, especificamente, da mulher negra, que se encontra oprimida e sujeita a imposições advindas daqueles que detêm autoridade sobre ela.

Destarte, o racismo, segundo Akotirene (2019), é uma forma de dominação enraizada e documentada há pelo menos quatro mil anos de existência. De acordo com Carlos Moore, citado por Akotirene (2019), é inconcebível colocar no mesmo patamar o racismo e outras formas de opressão emergentes, como a gordofobia, o bullying e o preconceito contra os feios, que, segundo ele, desqualifica as longas lutas pelo fim do racismo descritas em nossa história. No entanto, a interseccionalidade traz na mesma linha de equiparação as estruturas do racismo, juntamente com outras formas de discriminação. Outro argumento presente na obra de Akotirene (2019) é o de Patrícia Hill Collins. De acordo com esse raciocínio, não há hierarquias entre os eixos discriminatórios, ou seja, um não é preponderante sobre os demais.

Juntos, racismo, capitalismo e heteropatriarcado devem ser tratados pela interseccionalidade observando os contornos identitários da luta antirracista diaspórica, a exemplo dos brancos do candomblé, que argumentam opressões religiosas sofridas, ignorando que os ataques impostos ao candomblé são, precisamente, ataques contra a cultura do povo negro (Collins apud Akotirene, 2019, p. 38-39).

Com efeito, segundo Collins apud Akotirene, a expressão matemática "mulher + negra + nordestina + trabalhadora + travesti + gorda", somadas outras formas de discriminação, inviabiliza a existência do termo "interseccionalidade". Pois, como observado anteriormente por Akotirene, não existe separação entre os eixos discriminatórios, estes são indissociáveis, e acrescenta que "Em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos" (Akotirene, 2019, p. 43). Fala-se, portanto, das vivências dessas mulheres, muitas vezes por terem seus corpos expostos aos desejos masculinos, devido ao seu estereótipo apresentar lábios e nádegas grandes, ou sujeitas ao preconceito por não atenderem ao que foi padronizado pelo eurocentrismo. Isto é, a mulher deve ter o padrão europeu: cor branca, corpo magro e cabelos lisos. Estereótipos, que segundo

Djamila Ribeiro (2009, p. 56), “têm por finalidade nos manter no lugar que a sociedade racista determina”. Logo, fala-se da ideia de que toda mulher negra sabe sambar, e, sendo assim, seu corpo deve estar em exposição para todos, negando mais uma vez a sua humanidade. Por isso, é imprescindível compreender, segundo a autora, que “Mulher negra não faz parte de safra nem é uma “espécie” para deleite de homem machista e racista. Somos pessoas e exigimos respeito” (Ribeiro, 2009, p. 101).

Carla Akotirene (2019) também traz, em seu livro “Interseccionalidade: Feminismos Plurais”. Grada Kilomba, uma pensadora que, ao discorrer sobre o assunto, afirma que “a interseccionalidade apresenta a ideia, segundo a qual, as diferenças são sempre relacionais, todas e todos são diferentes uns em relação aos outros, não interessada nas diferenças identitárias, mas nas desigualdades impostas pela matriz de opressão”. (Akotirene, 2019, p. 50). Essa matriz à qual Kilomba se refere é muito agradável para aqueles que oprimem; no entanto, ela ajuda a aumentar ainda mais a desigualdade e a segregação nos eixos discriminatórios gênero, classe e raça.

A partir desse contexto, não se pode hesitar; é imprescindível conhecer e compreender as leis que contribuem para o desenvolvimento integral do ser humano, garantindo-lhes direitos essenciais para sua vivência e convivência. Dessa forma, destacam-se as diretrizes da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) e a Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres, bem como as leis antirracistas que asseguram direitos às pessoas, em particular às mulheres que têm sobre si o marcador de gênero. É importante ressaltar que a questão racial não pode ser desconsiderada, desencadeando, nas palavras de Akotirene (2019), "opressões feminizadas". Nesse cenário, a autora enfatiza os direitos de todas e todos assegurados na Constituição: "O Artigo 5º da Constituição Brasileira assegura o direito fundamental de todas e todos serem tratados iguais perante a Lei, sem distinção de qualquer natureza ". Além disso, a autora acrescenta que:

Em tese, caso os instrumentos protetivos do nosso país queiram, de fato, combater as discriminações que impedem o exercício das liberdades fundamentais, precisam averiguar as performances sexistas e racistas de seus expedientes usando a abordagem interseccional (Akotirene, 2019, p. 66).

Sob essa óptica, percebe-se a necessidade de tornar perceptível aquilo que ainda está velado pela política do comportamento social, algo que somente uma abordagem interseccional, como mencionou Akotirene, será possível desvendar. De acordo com tal abordagem, é notório perceber de que forma e em que contextos as mulheres negras são discriminadas. Além disso, nas palavras de Akotirene, elas muitas vezes estão “[...] posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos” (Akotirene, 2019, p. 63). Fato é que as mulheres negras, muitas vezes, precisam apresentar duas marcas identitárias, a saber, o racismo e o sexismo, para serem ouvidas, e para que talvez suas reivindicações sejam atendidas. Isso se torna mais evidente quando se faz referência ao local onde moram, favelas e periferias, por ser considerado perigoso, principalmente pelas mídias. Esse cruzamento de marcadores sociais tornam as mulheres negras vulneráveis diante de uma sociedade preconceituosa, misógina e desumana.

Ribeiro (2009) acrescenta que a população negra teve seus direitos negados, e a pobreza que a assola é fruto de uma estrutura social herdada pelo escravismo. Após a abolição da escravatura, os negros não receberam qualquer auxílio do governo do país para que pudessem recomeçar suas vidas com moradia segura que lhes proporcionasse alguma dignidade para viver em um território que, em todos os momentos, os tratava com hostilidade e opressão. Nesse mesmo cenário, constrói-se a ideia de pessoas negras serem referenciadas como diferentes.

É importante salientar que toda discriminação e violência sofridas são decorrentes dessa diferenciação em relação aos outros, especificamente em relação aos que se consideram brancos. Djamila Ribeiro (2009) afirma que, ao ser discriminado, o negro se torna diferente, e não o contrário. Além disso, segundo a autora: “É no momento da discriminação que sou apontada como tal” (Ribeiro, 2009, p. 111).

Sob essa perspectiva, é importante salientar que homens e mulheres negras sofrem discriminação de maneira desigual. Por meio do racismo e do sexismo, elas são colocadas em uma hierarquia que as torna mais socialmente vulneráveis, pois enfrentam mais de uma forma de opressão. No entanto, essas mulheres, em suas lutas diárias, conquistaram e continuam a conquistar seu lugar na sociedade. Esse espaço se refere tanto à divisão de tarefas no lar quanto ao mercado de trabalho,

compartilhado com mulheres brancas e homens brancos e negros. Essas transformações na vida das mulheres negras envolvem mudanças nas instituições sociais, bem como nas consciências individuais. Essas mudanças sociais, na visão da pensadora bell hooks, ocorrem “em uma perspectiva antirracista, antielitista e antissexista”, e, por isso, estão intrinsecamente ligadas ao chamado empoderamento feminino. Sob essa perspectiva, Djamila Ribeiro (2009) define o empoderamento como “o compromisso com a luta pela equidade”. E continua dizendo que:

Não é a causa de um indivíduo de forma isolada, mas como ele promove o fortalecimento de outros com o objetivo de alcançar uma sociedade mais justa para as mulheres. [...] Empoderamento implica uma ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões, de consciência social dos direitos. [...] É promover uma mudança numa sociedade dominada pelos homens e fornecer outras possibilidades de existência e comunidade. É enfrentar a naturalização das relações de poder desiguais entre gêneros e lutar por um olhar que vise à igualdade e o confronto com os privilégios que estas relações destinam aos homens. É a busca pelo direito à autonomia por suas escolhas, por seu corpo, por sua sexualidade. Quando uma mulher se empodera, tem condições de empoderar outras (Ribeiro, 2009, p. 135-136).

Nesse sentido, o empoderamento da mulher, especificamente, a mulher negra, leva-a a estar onde ela deseja estar. Como destaca a autora “lugar de mulher é onde ela escolhe estar” (Ribeiro, 2009, p. 115). A perspectiva de empoderamento da mulher negra, defendida pela autora, evoca a referência a Evaristo (2014), uma mulher e escritora afro-brasileira. Através de suas escrituras, Evaristo traz a figura da mulher negra como protagonista da sua própria história, à semelhança de sua própria vida, na qual sempre procurou seu espaço, mesmo quando este lhe era negado. Conceição teve que trabalhar, desde menina, para ajudar nas despesas de casa, e como empregada doméstica, continuou a garantir o sustento de seus filhos. Sua vida foi protagonizada em suas histórias por mulheres fortes, sofridas, mas que conseguiam se movimentar e às vezes se sobrepôr diante de uma sociedade machista e racista.

Tem-se a intenção de analisar contos de Conceição Evaristo, uma vez que há a ausência em sala de aula, de referências da literatura que abordem o tema do feminismo, especialmente sob a perspectiva da interseccionalidade. A maioria dos livros didáticos apresentam autores homens, frequentemente brancos, o que contribui para a ampliação do horizonte de leitura dos estudantes da educação básica.

Nesse sentido, Ribeiro (2009, p. 27) destaca a necessidade “de se ler autoras negras, respeitando suas produções de conhecimento e se permitindo pensar o mundo por outras lentes e geografias da razão”. Assim, ela convida o leitor a fazer

parte de “um mundo no qual diferenças não signifiquem desigualdades. Um mundo onde existam outras possibilidades de existência que não sejam marcadas pela violência do silenciamento” (Ribeiro, 2009, p. 27). Torna-se, portanto, pertinente a análise de alguns contos da obra “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo, que demonstrarão as agruras vividas pelo povo negro, em especial pelas mulheres negras. Os contos a serem estudados contarão histórias de mulheres que, desde a infância, enfrentaram de perto as dificuldades causadas pelos marcadores sociais: classe, sexismo e racismo.

A frase célebre da escritora francesa Simone de Beauvoir, “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (Ribeiro, 2009, p. 46), diz muito sobre as mulheres retratadas por Conceição Evaristo em “Olhos d’água”, não apenas por suas vivências, mas também pelo destino traçado ou até mesmo imposto a cada uma delas. Pois, para Beauvoir, “não é possível atribuir às mulheres certos valores e comportamentos sociais” (Ribeiro, 2009, p. 46), ou seja, mesmo que a sociedade queira impô-los, as mulheres se impõem.

Em suma, a interseccionalidade, apresentada pelas pensadoras Akotirene e Ribeiro em suas respectivas obras, nos faz perceber como a condição social, racial e de gênero da mulher é análoga. Ou seja, o termo está intrinsecamente ligado ao feminismo negro e, além disso, a outros fatores discriminatórios. Após essa reflexão sobre os conceitos de feminismo e feminismo interseccional, passaremos, no próximo capítulo, a compreender a emergência das vozes discursivas nos contos previamente selecionados da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo.

4 VOZES DE MULHERES NA LITERATURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Neste capítulo, realizar-se-á a análise literária, parte essencial deste trabalho. O objetivo principal desta pesquisa é “Compreender os efeitos de sentido produzidos pela voz de mulheres em contos de uma escritora contemporânea brasileira”. Para dar continuidade a esta investigação, conduziu-se uma pesquisa básica, descritiva, bibliográfica e qualitativa.

Nesse sentido, a pesquisa básica é apropriada para este trabalho, uma vez que os conhecimentos gerados têm o potencial de contribuir para o avanço da ciência, mesmo que não haja uma aplicação prática imediata. Além disso, a pesquisa descritiva se faz presente, uma vez que envolve principalmente o registro e a descrição dos fatos, sem a interferência direta do pesquisador. Adicionalmente, por meio da pesquisa bibliográfica, buscamos subsídios em materiais publicados relacionados ao assunto em questão. Portanto, a abordagem qualitativa estabelece uma conexão profunda entre o mundo real e o sujeito que o observa, permitindo a interpretação de fenômenos e a atribuição de significados adequados a eles.

Dessa forma, os eventos observados e analisados foram registrados e descritos por meio da pesquisa bibliográfica, tendo em mente a relação entre o sujeito e o mundo real. Esse contexto nos proporciona informações sobre as características, experiências e desafios enfrentados por mulheres afro-brasileiras diante das condições que lhes eram impostas.

A literatura afro-brasileira escolhida para esta pesquisa é de autoria da escritora contemporânea Conceição Evaristo, mais precisamente de seu livro “Olhos d’água”, composto de quinze contos, a partir dos quais foram selecionados quatro para este estudo.

Sobre a autora de *Olhos d’água*, Maria da Conceição Evaristo de Brito, é importante destacar que nasceu em Belo Horizonte, em 1946, e mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 1970. cursou Letras na UFRJ e trabalhou como professora da rede pública de ensino. Fez mestrado em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro e doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense. Participava ativamente dos movimentos que buscavam valorizar a cultura negra em nosso país. Sua estreia na literatura ocorreu em 1990, com a publicação de contos e poemas na série *Cadernos Negros*. Possui publicações na Alemanha, Inglaterra e

Estados Unidos. Além disso, seus contos são estudados em universidades brasileiras e do exterior.

A partir de suas poesias e contos, constrói-se o cerne da produção literária de Evaristo, pautado na representação de uma mulher que dá voz a seu povo. Ademais, por meio de sua ancestralidade feminina, depara-se com o sofrimento e as sensações de homens e mulheres negras e que dão vida as suas obras, enchendo-as de dores e sensações.

Dessa forma, entre os contos escolhidos para análise, estão *Olhos d'água*, *Duzu-Querença*, *Maria e Quantos filhos Natalina teve?* A escolha se deve pelo fato de que todos eles têm como protagonistas mulheres negras, enfatizando a condição delas como mulheres pretas e periféricas, que vivem à margem da sociedade.

Além disso, as leituras realizadas das obras das escritoras Djamila Ribeiro e Carla Akotirene foram decisivas para a seleção desses contos, uma vez que as autoras apresentam em suas vivências, características muito semelhantes às retratadas por Evaristo em seus contos, no que se refere aos eixos discriminatórios gênero, raça e classe. Sob tal óptica, ambas sempre lutaram para coibir a invisibilidade dos problemas de subordinação enfrentados pelo povo negro, especificamente pelas mulheres negras.

Torna-se imperativo, portanto, fazer um breve comentário sobre cada conto definido para esta pesquisa. Neste primeiro momento, destacar-se-á o conto que leva o título do livro, *Olhos d'água*. Nele, pode-se perceber que a autora Conceição Evaristo optou por apresentar uma protagonista que também atua como narradora em primeira pessoa do conto. A narradora-personagem não possui nome. Conhecendo a história de vida da escritora Evaristo, é possível inferir que a história dessa personagem bem poderia ser a história de sua própria vida.

O enredo se constrói em torno de uma indagação que a protagonista faz ao se lembrar da mãe, porém afirma não se recordar da cor dos olhos da mãe. A partir desse momento, uma pergunta constante incorre durante toda a história do conto, “de que cor eram os olhos de minha mãe?”. A partir dessa interrogação, a personagem parte, então, em uma viagem de volta às suas raízes para desvendar esse mistério. Durante essa jornada, ela rememora sua infância, sua ancestralidade, seu passado marcado pela miséria e pela fome, mas também repleto de amor.

No desfecho do conto, ao olhar para sua mãe, ela descobre que os olhos dela tinham a cor dos 'olhos d'água', umedecidos pelo sofrimento da impossibilidade de proporcionar uma vida melhor para a família. No entanto, ao final da narrativa, a protagonista percebe, na fala de sua filha, que seus próprios olhos também possuíam a mesma cor dos olhos de sua mãe, cor de olhos d'água. Ela nota, que, apesar de ter deixado a casa de sua mãe em busca de uma vida melhor para sua família, acabou seguindo os mesmos passos da mãe, servindo a mesa dos patrões.

O segundo conto escolhido para esta pesquisa é intitulado “Duzu-Querença”. Semelhante ao conto anterior, “Olhos d'água”, este retrata a vida de uma mulher que partiu para outro lugar em busca de uma vida melhor. A diferença, no entanto, está em que Duzu não tomou a decisão de mudar de local por vontade própria; ela foi levada por seus pais ainda criança. O patriarca da família nutria o sonho de proporcionar à filha uma vida mais digna, com acesso à educação, algo que ele não teve nem condições de oferecer à sua própria família. Duzu foi deixada em uma casa cuja dona prometeu cuidar e zelar por sua vida e educação. No entanto, essa promessa não foi cumprida. Desde sua chegada à casa, Duzu se viu sobrecarregada com tarefas de limpeza e manutenção, incluindo a limpeza de vários quartos, uma vez que a casa funcionava como um bordel.

Em uma das limpezas de um quarto, Duzu se deparou com um homem que a tocou e a pagou por isso, e a partir desse momento, ela passou a trabalhar como prostituta. Ao longo desse período, teve nove filhos, todos eles abandonados em algum lugar. Na velhice, sem ter um lugar para morar, Duzu acabou vivendo nas ruas como mendiga. Dos membros de sua família, apenas seus netos Angélico, Tático e Querença mantinham contato com ela. Querença, diferentemente de sua avó e dos outros dois, estava estudando e buscando uma vida melhor. Duzu, por outro lado, não teve a mesma sorte, não teve oportunidade de estudar, apenas de trabalhar incessantemente. No desfecho do conto, em meio a delírios, ela começou a imaginar voar, pois somente em suas alucinações ela poderia ter asas e a liberdade de ir para qualquer lugar, ser livre inclusive também para morrer, morrer ali, na escadaria da igreja.

O terceiro conto escolhido, intitulado *Maria* também traz como protagonista uma mulher batalhadora, uma empregada doméstica e mãe. Sua vida é ceifada drasticamente após passar o domingo trabalhando na festa, na casa da patroa. Ao

voltar para casa, carregando sacolas com os restos de comida da festa doados pela patroa e uma gorjeta, Maria encontra no ônibus o pai de seu primeiro filho. Porém, o encontro ao acaso faz com que Maria pareça cúmplice do assalto praticado pelo seu antigo amor e um comparsa. Isso acontece porque todos no ônibus foram roubados, exceto Maria. Esse fato desperta a ira de alguns passageiros que a agrediram até a morte.

Maria morre sem saber por que estava sendo morta. Ela apenas queria chegar ao seu barraco, transmitir o beijo, o abraço e o carinho ao filho cujo pai lhe havia segredado. Além disso, queria dar a eles as frutas que havia ganhado da patroa. Sua única preocupação era se os meninos iriam gostar de melão, já que nunca o haviam comido. No entanto, ela é morta com uma faca a laser que corta até a vida e é deixada lá, repudiada como uma criminosa, como um lixo da sociedade, enquanto os filhos encontravam-se no barraco à espera da mãe.

O último conto selecionado para análise, intitulado *Quantos filhos Natalina teve?*, retrata a vida da menina Natalina de apenas 13 anos. Sua vida passa por transformações à medida que uma gestação aparece. A primeira gravidez ocorre e o pai da criança é seu namoradinho de infância, Bilico. Ela busca o apoio da mãe para a preparação dos chás abortivos, porém, sem sucesso. A gravidez continua e Natalina teme que sua mãe a leve para a parteira Praxedes, pois, segundo alguns, ela devora os recém-nascidos. A menina então foge de casa e, após o parto, a criança é doada a uma das enfermeiras do hospital.

Na segunda gestação, que ocorre durante um relacionamento com outro namorado, Natalina decide não ficar com a criança e a entrega ao namorado assim que ele nasce e foge novamente. Na terceira gravidez, a história toma um rumo diferente das duas primeiras. Desta vez, ela engravida para agradar a seus patrões. Eles estavam com dificuldade para conceber um filho e pediram a Natalina que a engravidasse do patrão, e ela assim o faz. A quarta gravidez resultou de um estupro, dando motivos suficientes para ela não querer gerar essa criança. Contudo, foi a única gestação pela qual Natalina aceita a criança, uma vez que para ela esse filho não teria pai e seria só dela. Isso porque, após o estupro, Natalina conseguiu se defender e matar seu agressor com a mesma arma que ele havia usado para sequestrá-la.

Nesse sentido, acerca dos contos acima descritos, é imperioso destacar a presença de mulheres como protagonistas fortes de suas próprias histórias, assim

como o ponto de vista mostrado/ assumido nas narrativas é o dessas mulheres. Observa-se, portanto, que, em todos os contos, há um sofrimento vivenciado por essas mulheres, que é representado de forma implícita ou explícita. E em *Olhos d'água*: parece ser a ausência física da mãe e a saudade; em *Duzu*, o abandono da família quando ela era ainda criança; em *Maria*, a violência da qual é vitimada por causa de um relacionamento; em *Quantos filhos Natalina teve?*, a menina abusada na infância/início da adolescência, que se vê mulher, grávida por diversas vezes, sem amparo e sem condições de criar um filho, até que se vingou de um estupro matando o abusador. Em todos eles há uma menina ou mulher atingida pela fome e pela violência que precisa sobreviver em meio a um contexto de abandono e solidão.

Do mesmo modo, as mulheres retratadas nesses contos assumiram, na visão da autora, papéis de guerreiras, como se estivessem em uma arena guerreando contra todas as adversidades que a vida lhes impunha. A luta para algumas delas foi em vão, a saber, não houve um final feliz nos contos *Maria* e *Duzu-Querença*. Neste, a personagem Duzu vê-se abandonada nas ruas e morre sonhando com uma vida próspera que poderá vir a ser a da neta Querença. Em *Maria*, sua morte trágica e brutal deixa o leitor sem reação, uma vez que não houve tempo para qualquer relutância por parte da personagem ou de quem quisesse defendê-la.

Contudo, em *Olhos d'água* e *Quantos filhos Natalina teve?*, por exemplo, a personagem daquele conto consegue ir ao encontro da mãe e ver de perto a cor dos seus olhos; neste último, Natalina fica livre de seus opressores e abusadores conquistando o direito, naquele momento, de finalmente ser mãe. Por conseguinte, algumas mulheres lutam pela sobrevivência enquanto outras tentam, porém sem sucesso. O sofrimento dessas mulheres é percebido e sentido ao longo das narrativas, uma vez que, para algumas, houve o resgate da sua altivez feminina, como foi o caso dos dois últimos contos mencionados.

A partir da seleção teórica para análise, alguns conceitos são apresentados no quadro a seguir:

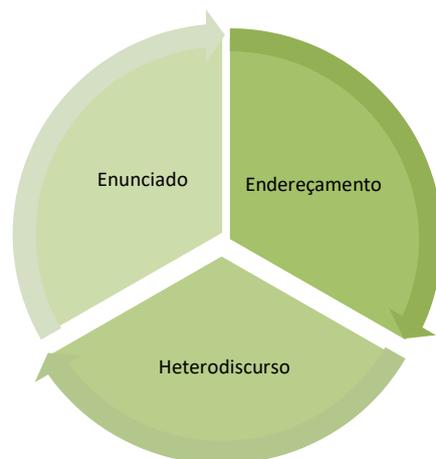


Figura 1 – Seleção Teórica da Análise
Fonte: Elaborado pela autora

Outrossim, serão selecionados excertos dos contos para análise, compreendendo-os como enunciados que produzem heterodiscursos. Esses heterodiscursos emergem da fala de um locutor (no caso, as protagonistas dos contos) e se dirigem aos leitores/interlocutores que constroem sentidos a partir das suas referências de leitura e de mundo, podendo identificar diferentes possibilidades de sentido.

O escritor russo Bakhtin afirmou que um enunciado pode ser uma frase, um texto inteiro ou uma palavra. Logo, o sentido do enunciado é dado pelo leitor, com base em sua visão de mundo, conhecimentos e seus pontos de vista sobre o que está sendo dito. Nesse viés, a interpretação das coisas e das palavras em seus vários sentidos a partir das vivências do leitor cria heterodiscursos. Portanto, é o leitor quem transforma um enunciado, pois este não existe sozinho. Enquanto texto é letra morta, logo, a existência do leitor é fundamental para a existência do enunciado, pois dá a este o efeito de sentido pretendido.

Como é possível visualizar na imagem acima, o conceito de enunciado é considerado imprescindível para este trabalho, pois dele decorrem os demais conceitos. Segundo Bakhtin (2016), o enunciado é a unidade da comunicação discursiva, constituindo um novo acontecimento, um evento único e irrepetível. Nesse sentido, a relação de diálogo entre o eu e o outro faz referência à responsividade, que é parte constitutiva do enunciado, pois este se constrói na dialogicidade com outro enunciado, dando origem a réplicas de discursos anteriores e à responsividade de outros enunciados. No ato da compreensão destes, o sujeito tende a transformá-los,

recriá-los, completá-los e refutá-los, o que comprova uma atividade responsiva dialógica.

Nessa perspectiva, a atitude de resposta, direcionada, endereçada a alguém, destaca a importância de o eu relacionar-se dialogicamente com o outro. Nessa relação, não se trata apenas de palavras ou orações, pois estas não possuem endereçamento, não pertencem nem se referem a ninguém e não têm relação com o outro. O enunciado, por sua vez, tem um destinatário, originando-se de diferentes verdades e diferentes vozes sociais, uma característica intrínseca ao heterodiscurso.

Sob esse viés, é válido relacionar esses conceitos às características das personagens femininas nos contos de Conceição Evaristo, bem como à proposta interseccional das autoras Carla Akotirene e Djamila Ribeiro, cujo propósito é retratar os obstáculos que as mulheres negras enfrentam em relação à sexualidade, origem, classe social, religiosidade e outras formas de discriminação.

Nesse cenário, o enunciado é considerado unidade viva, uma resposta endereçada a alguém, uma expressão de índices sociais e valores diversos, heterogênea em sua constituição. Essa heterogeneidade discursiva permite diferentes interpretações. Essas características são observáveis nos enredos e nas vozes femininas retratadas por Evaristo em seus contos do livro "Olhos d'água". Mesmo narrados na primeira pessoa do discurso, eles trazem enunciações coletivas, buscando, por meio do protagonismo dessas vozes, conquistar e manter o controle de suas próprias vidas.

Diante disso, a quem se destinam os enunciados contidos nos contos de Evaristo? Por que foram escritos? Com qual público Evaristo pretende se comunicar? Para quem ela escreve? Se esses enunciados são respostas, a quem são direcionadas? Com base nesses questionamentos, torna-se necessário explorar nos contos as diversas formas de subalternização das mulheres negras, incluindo questões de raça, gênero, classe social, e outras formas de opressão. Isso inclui também a violência sofrida pelas mulheres em suas diversas manifestações.

Conforme o exposto acima, a violência contra a mulher manifesta-se em várias formas, dentre as quais se destacam as práticas domésticas como forma de dar invisibilidade às mulheres negras. Tal aspecto está presente nos quatro contos selecionados. Em *Olhos d'água*, essa realidade se reflete nas construções "Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando..." (Evaristo, 2014, p. 15), e "Um dia,

brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias...” (Evaristo, 2014, p. 16). Na segunda citação, é evidente a transferência do ofício da mãe para a filha.

As práticas domésticas também são observadas no conto *Duzu-Querença* em: “Duzu trabalhava muito. Ajudava na lavagem e na passagem da roupa. Era ela também quem fazia a limpeza dos quartos” (Evaristo, 2014, p. 32). Nessa passagem, denuncia-se, na voz de Evaristo, o trabalho infantil realizado por Duzu quando era apenas uma criança, e a ela havia a promessa de que estudaria, mas que nunca foi cumprida. No conto Maria, na passagem: “No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa” (Evaristo, 2014, p. 39), e “A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa”. (Evaristo, 2014, p. 40). Em *Quantos filhos Natalina teve?* Tal prática vê-se em: “No outro dia, quando a mãe saiu cedo para a cozinha da madame...” (Evaristo, 2014, p. 45), e “Ela gostava de trabalhar ali. Era tudo meio tranquilo, ficava sozinha tomando conta do apartamento. Cozinhava, passava, lavava, mas só pra si”. (Evaristo, 2014, p. 46).

A temática da violência relaciona-se com alguns dos contos selecionados para esta pesquisa. Em *Duzu-Querença* a personagem é ultrajada de todas as formas, seja pelo fato de ser forçada a trabalhar para pagar seu próprio sustento, realizando tarefas como lavar, passar e limpar todos os quartos; seja pela violência sexual sofrida quando ainda era menina, como evidenciado na frase “[...] com uma das mãos fazia no rosto e nos seios da menina. Duzu tinha gosto e medo. Era estranho, mas era bom. Ganhou muito dinheiro depois” (Evaristo, 2014, p. 33).

Já na fase adulta, prostituía-se para continuar pagando pelo seu sustento, pois esse foi o ofício que aprendeu e se acostumou a fazer, no entanto, a violência sempre a acompanhou. Isso se confirma nos excertos “E entendeu também qual seria a sua vida. É, ia ficar. Ia entrar-entrando sem saber quando e por que parar”. (Evaristo, 2014, p. 34), e “Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões” (Evaristo, 2014, p. 34).

Observando a personagem Duzu, é imprescindível compará-la com as meninas do Quilombo Kalunga, em Cavalcante (GO), cidade localizada na Chapada dos

Veadeiros, a 310 quilômetros de Brasília. Essas meninas, assim como a personagem de Evaristo, tinham realidades semelhantes. Segundo Djamila

Trata-se de crianças pobres que desde muito cedo vão trabalhar e ser exploradas em casas de famílias, em troca de alimento. Nesses locais, são abusadas sexualmente pelos patrões. Na comunidade onde vivem não há escolas. Longe dos pais, elas vivenciam maior vulnerabilidade (Ribeiro, 2009, p. 89).

A autora afirma que as meninas negras são as mais vulneráveis para esse tipo de abuso. De acordo com dados da Unicef sobre violência sexual, a maioria das mulheres e meninas exploradas sexualmente são afrodescendentes, pertencem a classes sociais mais baixas, têm pouca ou nenhuma escolaridade e vivem em áreas periféricas. Dessa forma, é necessário e urgente, de acordo com Djamila, “pensarmos a partir de um olhar interseccional para que seja possível contemplar meninas com maior vulnerabilidade, sobretudo negras” (Ribeiro, 2009, p. 89). Assim, fica evidente que essas meninas, tanto a personagem Duzu quanto as meninas de Calunga, necessitam do apoio de toda a sociedade, principalmente das autoridades responsáveis pela sua proteção.

A violência física é igualmente evidente no conto *Maria*, quando a personagem é agredida por pessoas que a acusavam injustamente de um crime. Isso é perceptível no excerto “Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando “um tapa” no rosto da mulher” (Evaristo, 2014, p. 42). Nesse contexto, podemos notar os eixos discriminatórios lançados à personagem Maria, vítima de múltiplas formas de opressões. Ao ser difamada por outro personagem, em “Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões” (Evaristo, 2014, p. 42), constatam-se vários marcadores sociais como racismo, sexismo e questões de gênero, entre outros, utilizados para diminuir, desvalorizar, inferiorizar e subalternizar a figura de Maria.

Os contos de *Olhos d'água* abordam personagens negras e silenciadas, vítimas de racismo, de desigualdade, submetidas a situações marcadas pelo seu gênero. Logo, toda essa violência vivenciada e sentida na pele deixa explícito o lugar que a sociedade lhes atribui, um lugar não escolhido por elas, mas definido pelo que a sociedade diz ser o delas.

Nesse contexto, esse lugar é marcado pela miséria e pela fome, uma ideia que se comprova em todos os contos aqui já citados. Em *Olhos d'água*, a personagem ao lembrar sua infância, rememora também os momentos em que, ao abrir as panelas, não havia comida, apenas o cheiro do alimento que ali não existia. Assim, a

personagem afirma “Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento” (Evaristo, 2014, p. 16).

A miséria e a fome estão presentes em *Duzu-Querença* logo no início da história, quando se lê: “Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco” (Evaristo, 2014, p. 31). Nesse excerto, há um destaque à personagem Duzu, representando todas as mulheres que não têm voz, que são esquecidas e, por isso, continuam vivendo de forma subalterna à sociedade que lhe impôs essa condição.

No conto *Maria*, também há a percepção da situação de pobreza em: “Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora” (Evaristo, 2014, p. 39).

Da mesma forma, no conto *Quantos filhos Natalina teve?*, quando a mãe percebe que a filha Natalina ainda continuava grávida, é visível o desespero dela: “Como haveria de criar mais uma criança? O que fazer quando o filho da menina nascesse? Na casa já havia tanta gente! Ela, o marido e sete crianças” (Evaristo, 2014, p. 44). O desespero da mãe de Natalina fundamentado no fato de viverem em um local pobre e não terem espaço para mais uma pessoa. Além disso, enfrentam a dificuldade de colocar comida na mesa todos os dias.

Adicionalmente, a ancestralidade é um dos heterodiscursos presentes nas temáticas de alguns dos contos analisados, desempenhando um papel muito simbólico na vida do povo negro, sendo vista como seus guias ancestrais. Temas como esse são considerados polêmicos pela sociedade, portanto, é fundamental adotar perspectivas diversas sobre a problemática da intolerância religiosa.

No conto *Olhos d'água*, a ancestralidade apresentada por Evaristo é perceptível em: “E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue” (Evaristo, 2014, p. 18).

Em *Duzu-Querença*, esse tema emerge nos momentos de delírio da personagem Duzu: “Quem disse que estrela era só para fadas! Estrela era para ela, Duzu. Estrela era para Tático, para Angélico. Estrela ela para a menina Querença,

moradia nova, bendito ayê, onde ancestrais e vitais sonhos haveriam de florescer e acontecer” (Evaristo, 2014, p. 36). Nesse excerto, é enfatizada para a sociedade a importância da religiosidade na vida de um povo e o quanto é vital para sua sobrevivência e união. Portanto, é fundamental exigir respeito pelas crenças religiosas. Da mesma forma, a autora Djamila, ao falar de seus orixás e de sua religião, o candomblé, esclarece que "Exu, por exemplo, que tantos temem, não é o demônio no candomblé, trata-se de uma invenção cristã. Iemanjá é, na verdade, negra, como todos os orixás, já que se trata de uma religião criada por negros" (Ribeiro, 2009, p. 22)

Sabe-se, que, no discurso, coexistem várias vozes, os herodiscursos. Assim, além da temática, explorar-se-á também a linguagem rica em singularidades, centrada nas experiências das personagens, no seu cotidiano. Nesse sentido, no conto *Olhos d'água*, Evaristo utiliza em sua linguagem palavras como “lava-lava” e “passa-passa”, que não são compostas originalmente. Ao empregá-las dessa forma, a autora sugere uma interpretação pessoal do leitor. Nesse caso, uma interpretação possível, dependendo do conhecimento do leitor sobre o contexto da obra, é que se trata das atividades diárias da mãe da personagem, ou seja, tarefas domésticas realizadas por mulheres negras e periféricas nas residências de mulheres brancas e ricas.

Ainda no mesmo conto *Olhos d'água*, foram usadas as palavras “Senhora”, “trono”, “Rainha” e “princesa”: “Ela se assentava em seu trono”. “E diante dela fazíamos reverências a Senhora”. “Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós princesas em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos” (Evaristo, 2014, p. 17). No entendimento popular, esses enunciados podem evocar a realeza. No texto, são utilizadas letras maiúsculas para dar um sentido de empoderamento a essa mulher negra, a essa mãe trabalhadora que luta todos os dias para sustentar sua família. Esses enunciados conferem a essa mulher um lugar de fala, onde ela escolhe estar, em vez de ser imposta onde deveria estar.

Segundo Djamila (2009), empoderar-se é comprometer-se com a luta pela equidade, exercer julgamentos justos e ter a capacidade de agir imparcialmente diante das lutas dos negros. Ela afirma que empoderamento “não é a causa de um indivíduo de forma isolada, mas como ele promove o fortalecimento de outros com o objetivo de alcançar uma sociedade mais justa para as mulheres” (Ribeiro, 2009, p. 135). Estas

mulheres, frequentemente proibidas de expressar suas opiniões ou de serem ouvidas, enfrentam uma sociedade que as discrimina constantemente e tenta silenciá-las.

A frase “De que cor eram os olhos de minha mãe?” (Evaristo, 2014, p. 15), presente em *Olhos d’água*, mostra ao leitor o esquecimento da personagem em relação à cor dos olhos de sua mãe. Inicialmente, essa pergunta remete à distância entre as duas, tanto no que se refere ao espaço, e quanto ao tempo. Entretanto, à medida que a narrativa avança, fica evidente que a personagem nunca soube qual era a verdadeira cor dos olhos de sua mãe, uma vez que a tristeza era sua companheira constante. Isso é exemplificado em “E quando após longos dias de viagem para chegar a minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe. Sabem o que vi? Vi só lágrimas e lágrimas” (Evaristo, 2014, p. 18). Esse fato está relacionado à pobreza, à miséria e à fome que assolam uma parcela da população marginalizada, ainda que essas lágrimas também expressem a alegria do reencontro com a filha. Por conseguinte, ao encerrar o conto com a frase “Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?” (Evaristo, 2014, p. 19), o texto reforça a ideia de que o sofrimento e as dificuldades do povo negro, especialmente das mulheres negras nas periferias, são heranças transmitidas de geração em geração.

No conto "Duzu-Querença," o próprio nome das personagens fornece um elemento significativo que o leitor pode explorar e analisar. É evidente que se refere a duas pessoas distintas, não se trata de um nome composto, mas sim de dois protagonistas da história.

Duzu é uma menina levada para a cidade por seus pais, com a esperança de proporcionar-lhe uma vida melhor e um futuro diferente daquilo que eles próprios viviam. A ideia era que Duzu tivesse a oportunidade de estudar e trabalhar. Como ilustrado no trecho: "Era preciso também dar outra vida para a filha. Na cidade havia senhoras que empregavam meninas. Ela podia trabalhar e estudar" (Evaristo, 2014, p. 32). No entanto, Duzu acabou dedicando-se exclusivamente ao trabalho doméstico, realizando tarefas como lavar, passar, limpar e prostituir-se, sem jamais conseguir frequentar a escola. A triste conclusão de sua vida a encontrou esquecida nas calçadas das ruas, vivendo como moradora de rua.

Por outro lado, Querença, uma das netas com quem Duzu manteve contato, teve a oportunidade de construir um futuro melhor. O texto dá indícios disso ao mencionar: "Era preciso reinventar a vida, encontrar novo caminhos. Não sabia ainda

como. Estava estudando, ensinando as crianças menores na favela, participava do grupo de jovens da Associação de Moradores e do Grêmio da escola" (Evaristo, 2014, p. 36-37). Duzu-Querença são retratadas como mulheres fortes que lutam pela sobrevivência em uma sociedade que muitas vezes negligencia essas minorias, no entanto, suas vozes ecoam sobre outras vozes.

No conto "Maria," a frase "Faca a laser corta até a vida" (Evaristo, 2014, p. 40-41) surge duas vezes, e cada vez ela adquire significados distintos para a personagem Maria. O primeiro sentido está relacionado à dor física, provocada pelo corte profundo realizado por uma faca enquanto Maria corta o pernil na casa de sua patroa. O segundo sentido é metafórico, representando o corte na alma, algo invisível aos olhos, mas capaz de infligir uma dor muito mais profunda. Este segundo tipo de corte Maria experimenta quando se vê no meio de um assalto, sendo perpetrado pelo homem que é o pai de um de seus filhos, a pessoa que deveria ser sua segurança e apoio. O medo e a angústia que Maria sente durante esse evento causam feridas emocionais tão intensas quanto uma lâmina a laser.

Maria é apenas mais uma entre muitas mulheres que sofrem violência, tanto física quanto psicológica, como inúmeras mulheres negras que frequentemente são privadas do direito de se expressar ou serem ouvidas. Isso destaca a ausência de promoção da equidade para as comunidades negras e periféricas. A mensagem transmitida é que não há verdadeira justiça quando aqueles que estão sendo julgados são pessoas a quem não é permitido serem tratadas como seres humanos de pleno direito.

No conto *Quantos filhos Natalina teve?*, importante destacar o sentido da palavra "chá" em: "Natalina sabia de certos chás. Tomava os chás e não resolvia". Agora ela mesma é quem ia preparar os chás" (Evaristo, 2014, p. 44). Qual o sentido ou os sentidos desses enunciados? O que é saber, ter conhecimento de certos chás? Qual o verdadeiro sentido de preparar os chás? De tomar chá? O que a personagem Natalina quer resolver ao tomar chá? Sabe-se que, no senso comum, o chá é tomado para acalmar; o chá das cinco da tarde tem a finalidade social e cultural de receber as visitas; toma-se chá para amenizar uma dor.

No entanto, uma vez que o sentido das expressões é construído através do heterodiscurso e do contexto em que estão inseridas, fica evidente que se referem a

chás abortivos, especialmente considerando o desespero da personagem Natalina e de sua mãe para interromper a gravidez da menina.

Nessa perspectiva, por meio das frases "Natalina sabia de certos chás," "Várias vezes vira a mãe beber," e "Natalina preparou os chás e tomou durante vários dias" (Evaristo, 2014, p. 44), mais uma vez, percebe-se um paralelo com a temática presente em "Olhos d'água." Nesse contexto, a herança é transmitida de mãe para filha, mas, lamentavelmente, refere-se a práticas e conhecimentos que têm o potencial de tirar vidas, como no caso do preparo e consumo dos chás com o objetivo de interromper uma gravidez.

A prática do aborto, narrada nesse contexto, não apenas representa um problema de saúde pública, mas também é realizada de duas maneiras distintas na forma, embora com resultados semelhantes, uma vez que o objetivo primordial é se livrar de uma gravidez indesejada. Uma das formas de aborto mencionada é o uso de chás abortivos, como citado anteriormente, enquanto a outra envolve a intervenção de uma parteira para a remoção do feto. Essas práticas são comuns em comunidades periféricas, como ilustrado no trecho "A velha parteira cobrava um pouco, mas ficariam livres de tudo" (Evaristo, 2014, p. 44).

É importante destacar que, no Brasil, o aborto é considerado ilegal, exceto em casos previstos por lei. Essa proibição tem resultado em um aumento significativo dos abortos clandestinos no país. Infelizmente, essa situação está associada a um crescente número de óbitos entre meninas e mulheres, especialmente aquelas pertencentes a comunidades negras e periféricas. Elas se submetem a essas práticas em condições precárias e insalubres devido à falta de opções seguras. Por contraste, mulheres de classes privilegiadas que optam pelo aborto frequentemente têm acesso a clínicas que oferecem procedimentos seguros, sem o risco de prisão

Segundo Ribeiro (2009), algumas mulheres optam pelo aborto por não possuírem condições financeiras para criarem uma criança ou por medo de serem demitidas de seus empregos, geralmente domésticos, e afirma que "a criminalização determina quais delas vão morrer. Quais delas terão que passar pelo desespero de abandonar seus filhos por medo de perder o emprego" (Ribeiro, 2009, p. 86). Esse cenário destaca as variáveis discriminatórias de gênero, raça e classe, que são fatores interseccionais que afetam essas mulheres, que as impedem de comandar suas vidas

e seus corpos. Elas são frequentemente julgadas por pessoas que desconhecem a violência à qual foram submetidas.

Na pesquisa em questão, a análise do termo "barraco" é relevante, uma vez que essa palavra carrega um significado importante presente de forma explícita ou implícita em todos os contos que estão sendo examinados. No primeiro conto, "Olhos d'água," a palavra "barraco" é utilizada para descrever a habitação das personagens, como visto nas frases: "Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco" e "E com os olhos alagados de prantos, balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós" (Evaristo, 2014, p. 17).

Em *Duzu-Querença*, a menção ao morro leva o leitor ao entendimento que lá as pessoas habitam também em barracos, como se evidencia na frase "Pensando nisto, resolveu voltar ao morro" (Evaristo, 2014, p. 35). No conto *Maria*, a expressão "Da vida dos dois no barraco" (Evaristo, 2014, p. 40), a personagem relembra a sua vida na companhia de seu ex-parceiro em uma habitação precária. Em *Quantos filhos Natalina teve?*, a incidência do termo está em "[...]tinha os olhos vendados pelos homens que chegaram de repente ao seu barraco ..." (Evaristo, 2014, p. 49).

Portanto, a recorrência da palavra "barraco" nos contos analisados é representativa e ajuda a criar um ambiente e um contexto que realçam as condições de vida difíceis e a precariedade enfrentada pelas personagens nas comunidades periféricas, o que é um elemento importante no entendimento do enredo e da mensagem transmitida pelas histórias.

Além disso, não se pode hesitar – é imprescindível compreender o sentido empregado nos excertos relacionados ao vocábulo "barraco". Popularmente, essa palavra pode ter dois significados distintos: um está relacionado a uma confusão entre pessoas e o outro a uma construção improvisada, muitas vezes feita de madeira ou outros materiais frágeis. Ressalta-se, portanto, que o cenário apresentado faz referência à segunda concepção de barraco, pelo fato de todos os contos analisados trazerem como protagonistas mulheres negras e periféricas, que aparecem estruturalmente violentadas por diversas formas de subordinação de classe, raça e gênero.

Os enunciados apresentados nas falas das personagens, de modo geral, funcionam como respostas direcionadas a uma voz que nega a humanidade e o lugar

de sujeito para as pessoas que vivem à margem da sociedade. Essas pessoas são constantemente marginalizadas e criminalizadas por um sistema excludente. Mais do que nunca, é essencial reconhecer a necessidade urgente de ouvir as vozes femininas historicamente silenciadas. Essas vozes foram esquecidas devido à sua condição de subalternidade, que tem raízes profundas no período colonial.

Ao analisar essas vozes femininas, exemplificadas na última frase do conto "Olhos d'água" - "Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?" - torna-se evidente a perseverança das mulheres negras. Abandonadas por seus parceiros, elas enfrentam a árdua tarefa de prover sozinhas o sustento de suas famílias, bem como cuidar e educar seus filhos. E, mesmo diante desse cenário desafiador, a sociedade persiste em hostilizá-las e sujeitá-las a diversas formas de exclusão que resultam da interseção de duas ou mais categorias identitárias, em que a raça, o gênero e a classe se sobrepõem, tornando essas mulheres particularmente vulneráveis devido à negação de direitos essenciais.

Nesse contexto, a pensadora Akotirene pode afirmar que:

A despeito dos direitos humanos permitirem acesso irrestrito, independentemente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição, as mulheres negras se veem diante dos expedientes racistas e sexistas das instituições públicas e privadas por lhes negarem primeiro trabalho e, depois, o direito humano de serem reclamantes das discriminações sofridas (Akotirene, 2019, p.62).

Conceição Evaristo, por meio de sua literatura, dá voz a mulheres em cujas vozes ecoam aquelas de inúmeras outras mulheres que enfrentam diariamente as variáveis discriminatórias descritas anteriormente por Akotirene. Essas mulheres buscam o seu protagonismo e, como resultado, conquistam o seu lugar de fala, pois não desejam mais que ele seja mediado por terceiros. Elas optam por se autorrepresentar discursivamente, recusando-se a abrir mão desse direito.

Nessa perspectiva, a personagem Duzu do conto *Duzu-Querença* cumpre seu papel de denunciante da opressão, exploração e violência sofridas. Sua voz é uma resposta ao seu explorador, pois ela sabe que foi explorada à medida que limpava os quartos da casa. Além disso, compreendeu que estava sendo abusada sexualmente em troca de dinheiro para garantir a sua sobrevivência, e que o valor pago era todo entregue à dona da casa de prostituição, dessa forma era duplamente explorada.

É em decorrência de toda essa violência que Duzu, ao longo dos anos, se vê obrigada a morar nas ruas, sobrevivendo de esmolas e comendo restos. Muitas vezes, a voz do senso comum questiona o porquê de morar nas ruas e não ter uma família.

Essas críticas geralmente rotulam essas pessoas como preguiçosas ou viciadas em drogas, quando, na realidade, há histórias profundamente complexas por trás dessas circunstâncias, como no caso de Duzu.

O quadro apresentado acima é uma denúncia que retrata um sujeito que está respondendo a uma voz que condena essas pessoas que vivem em situações precárias de marginalidade. Um possível endereçamento é para o leitor que, ao entrar em contato com esse texto, pode sensibilizar-se com essa situação de abandono. Isso pode levá-lo a expressar valores e visões diferentes em relação às pessoas que vivem à margem da sociedade. Assim, descreve o conto Duzu:

Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ela lhe devolveu um olhar de zombaria. O homem apressou o passo, temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho. (Evaristo, 2014, p. 31)

Do mesmo modo, no conto *Olhos d'água* parece haver endereçamento semelhante no excerto “As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que abordagem as línguas brincavam a salivar sonho de comida” (Evaristo, 2014, p. 31). Ou seja, há uma abordagem direcionada ao leitor, convidando-o a se compadecer com a miséria e a fome enfrentadas por essas crianças, que representam inúmeras outras em situações semelhantes.

Outrossim, vê-se no conto *Maria* uma voz que clama por equidade em “Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos...” [...] “Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos” (Evaristo, 2014, p. 41). Nestes trechos, o texto coloca em evidência a pequenez da importância dada à vida de uma mulher negra e deixa claro que uma vida negra não relevância para a sociedade. Igualmente, constata-se em *Duzu-Querença* essa ideia em “E agora estava ali deitada nas escadarias da igreja” (Evaristo, 2014, p. 36).

Sob esse viés, esses exemplos corroboram a premissa de Ribeiro (2009) de que a sociedade não se entenece ao ver estendido no chão um corpo de uma pessoa negra, pois, segundo a autora, “As mortes dos negros já estão tão naturalizadas que as pessoas agem como se “fossem normal”, o que acaba sendo mesmo num Estado racista” (Ribeiro, 2009, p. 103). Dessa forma, deve a sociedade pensar, assim como a autora, que vidas negras importam e que todos, somos responsáveis por elas. Tal

como as análises dos excertos acima, é válido destacar a voz da personagem Natalina, no conto *Quantos filhos Natalina teve?*, no fragmento:

O tiro foi certo e tão próximo que Natalina pensou estar se matando também. Fugiu. Guardou tudo só para ela. A quem dizer? O que fazer? Só que guardou mais do que o ódio, a vergonha, o pavor, a dor de ter sido violentada. Guardou mais do que a coragem da vingança e da defesa. Guardou mais do que a satisfação de ter conseguido retomar a própria vida. Guardou a semente invasora daquele homem. Poucos meses depois, Natalina se descobria grávida (Evaristo, 2014, p. 50).

Este enunciado constitui uma resposta endereçada a um leitor que a personagem deseja atingir. Um possível direcionamento é para os homens que a enxergam como um objeto, e, ao demonstrar que não o é, ela põe fim à vida de seu último agressor, dando encerrada toda a situação de violência que a acompanhava desde a infância. Portanto, ela reivindica o seu lugar por meio de sua voz e de seu corpo, empoderando-se diante de todas as adversidades e firmando sua identidade.

O que Natalina expressa é uma manifestação de valor, que, de acordo com Bakhtin, corresponde ao heterodiscurso, ou seja, uma multiplicidade de vozes que ecoam gritos de dor resultantes de opressões multifacetadas. Esse discurso, no qual essas vozes coexistem, é dirigido a um ouvinte-leitor que, com base em suas próprias perspectivas de leitura, desencadeará uma variedade de novos significados e interpretações.

Percebe-se, portanto, a importância da produção literária da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo e o quanto seus escritos enriquecem a formação artística e literária, proporcionando um conhecimento profundo de temas reais, relacionados às experiências das pessoas no mundo real. Sob essa ótica, a pensadora afirma que:

É imprescindível que se leia autoras negras, respeitando suas produções de conhecimento e se permitindo pensar o mundo por outras lentes e geografias da razão. É um convite para um mundo no qual diferenças não signifiquem desigualdades. Um mundo onde existam outras possibilidades de existência que não sejam marcadas pela violência do silenciamento e da negação (Ribeiro, 2009, p. 27)

Em suma, é necessário promover a equidade, a empatia e a solidariedade em todos os momentos e em todos os lugares. Deve-se, pois, ter olhares sensíveis para as diversas formas de exclusão, de modo a não permitir que as pessoas, especialmente as mulheres, vivam na invisibilidade diante das desigualdades sociais e opressões decorrentes de contextos de responsabilidade política, econômica e social.

Por fim, foi cabível neste capítulo, demonstrar a metodologia utilizada nesta pesquisa, bem como a análise e a interpretação dos dados relacionados aos contos escolhidos da renomada escritora brasileira Conceição Evaristo. Ademais, examinaram-se os enunciados e seus efeitos de sentido, produzidos pelas vozes das mulheres presentes nos contos, destacando contribuições significativas de figuras proeminentes do feminismo negro, como a própria Evaristo, Djamila Ribeiro e Karla Akotirene, as quais contribuíram com suas experiências pessoais e profissionais para enriquecer esse estudo. Feito isso, a próxima etapa envolverá a apresentação das considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura literária desempenha um papel importante na transformação do saber, sendo também uma das garantias de seu sucesso escolar. Isso ocorre porque a leitura literária envolve tanto o intelecto quanto as emoções do leitor, permitindo que ele entenda a si mesmo e ao outro, mesmo diante das adversidades existentes. Dessa forma, a leitura de obras literárias da contemporaneidade transporta-o para mundos que não são de fantasia, coloca-o diante da realidade que está ao seu alcance, mesmo que, muitas vezes, opte por não enxergar. Encontra-se, na literatura de Conceição Evaristo, uma forma de perceber as adversidades e a luta cotidiana que dá vida aos seus personagens.

Nessa perspectiva, a compreensão de um ser em relação ao outro se dá por meio do conhecimento que cada um possui das coisas e do mundo, criando, assim, diversos sentidos que se manifestam em decorrência da interpretação dos fatos e das pessoas. Sob essa ótica, reafirmamos o objetivo desta pesquisa, que é "Compreender os efeitos de sentido produzidos pela emergência das vozes de mulheres negras em contos contemporâneos". Da mesma forma, buscou-se responder à pergunta que deu início a este estudo: "Quais são as vozes sociais que emergem nos contos de 'Olhos d'água', de Conceição Evaristo?"

É importante destacar, em primeiro lugar, que todos se comunicam por meio de enunciados, um conceito abordado por Bakhtin. Esses enunciados são proferidos por um sujeito que, ao se comunicar com seu ouvinte, estabelece uma relação que é única. Nesse contexto, o ato de comunicação com o outro envolve o endereçamento da fala, ou seja, toda enunciação é direcionada a alguém que a interpretará com base no conhecimento adquirido e em seu ponto de vista sobre o que está sendo dito. Portanto, ao compreender pessoas e experiências, os saberes se traduzem em diversos significados, que são as vozes sociais resultantes dessa interação verbal.

Ao analisar os contos de *Olhos d'água* de Conceição Evaristo, percebeu-se que as vozes sociais emergentes são as das mulheres negras, mães e periféricas. Suas vozes ecoaram por todo o enredo, gritando suas dores, frustrações e medos. Tais sentimentos coexistem com as opressões causadas por racismo, sexismo e preconceito de classe, variáveis discriminatórias que expõem pessoas, em particular, mulheres negras, que devido às suas condições vivem à margem da sociedade. Por

meio de sua literatura, Evaristo buscou dar visibilidade e voz a estas mulheres que constantemente lutam para serem vistas e ouvidas, em vez de serem silenciadas por uma sociedade que insiste em propagar a indiferença em vez de promover a equidade. Essa perspectiva interseccional relacionada à mulher nestes contos por Evaristo foi percebida através do conceito de heterodiscurso, via Bakhtin, e pelas reflexões teóricas das autoras negras e feministas Carla Akotirene e Djamila Ribeiro, que enriqueceram significativamente este trabalho.

A presente pesquisa contribui de maneira muito especial para o ensino de Língua Portuguesa e Literatura no que tange às práticas de leitura literária desenvolvidas em sala de aula, uma vez que enfatiza não apenas autores clássicos, mas também contemporâneos. Além disso, o trabalho, com textos literários contemporâneos, contribui para desenvolver nos alunos o senso crítico quanto aos temas que estão em foco, promovendo discussões, análises e reflexões para que as gerações futuras respeitem mais a igualdade de direitos. Acresce também que este trabalho visa manter nossa língua sempre viva e disposta a aceitar, em todo tempo, lugar e circunstância, diferentes discursos, sentidos e pontos de vista.

Este estudo procurou unir dois campos importantes dos estudos acadêmicos. De um lado, a leitura literária de escritoras contemporâneas que contribuem significativamente para o desenvolvimento intelectual de estudantes e professores, abordando temas que favorecem o debate e a reflexão. De outro lado, os conhecimentos valiosos do escritor russo Bakhtin, cuja teoria aborda conceitos essenciais relacionados à língua, bem como as contribuições das autoras Akotirene e Ribeiro, que abordam temas relevantes e presentes na sociedade atual, conforme abordados nos contos analisados de Evaristo.

Desta forma, o material bibliográfico desta pesquisa destacou a língua como um elemento fundamental na construção de textos. Por meio da linguagem, os eventos resultantes de fatores que influenciam direta ou indiretamente o comportamento e o pensamento das pessoas envolvidas no processo de comunicação são verbalizados. Torna-se evidente, portanto, a importância da literatura na compreensão da relação entre o ser humano e sua linguagem, que frequentemente carrega sentidos e pontos de vista.

Além disso, é inegável o desenvolvimento intelectual e pessoal da pesquisadora durante a construção deste estudo, orientada por autores capazes de

transcender as barreiras do tempo. Nesse sentido, passado e presente se encontram na manifestação da linguagem conforme apresentada por Bakhtin e Conceição Evaristo. Isso ressalta não apenas o papel do pesquisador, mas também o papel da professora Maria José em compreender melhor o papel da literatura não apenas no contexto escolar, mas também na sociedade como um todo. Sua responsabilidade social é denunciar todas as formas de opressão que afetam uma parcela da população marginalizada.

Em suma, as leituras e análises realizadas neste estudo proporcionaram conhecimentos que servirão de base para as aulas de literatura. O aprendizado de um professor deve ser transmitido aos alunos para que possam experimentar o conhecimento adquirido por meio dele. Portanto, cabe aos professores de literatura, apresentar aos alunos a melhor literatura, seja ela clássica ou contemporânea, ajudando-os a perceber as palavras e as várias possibilidades de sentido que cada uma possui. Além disso, deve-se ensiná-los a enxergar nos enredos dos livros a realidade fora da ficção, pois a literatura só cumprirá seu papel social quando todos perceberem que ficção e realidade são indissociáveis.

REFERÊNCIAS

- Akotirene, Carla. **Interseccionalidade**: feminismos plurais. 1ª ed. São Paulo: Jandaíra, 2019, 152 p.
- Bakhtin, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- Bakhtin, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- Bakhtin, Mikhail Mikhailovitch. **O discurso no romance**. São Paulo: 34, 2015.
- Bakhtin, Mikhail Mikhailovitch. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- Bakhtin, Mikhail Mikhailovitch. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 3ª Ed. São Paulo: Unesp, 1992.
- Bakhtin, Mikhail Mikhailovitch. **Teoria do romance I**: A estilística. 1ª ed. São Paulo: 34, 2015, 256 p.
- Bakhtin, Mikhail Mikhailovitch. Bakhtin, Mikhail Mikhailovitch; Volóchinov, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- Bortolini, Fernanda Lopes; Valério, Patrícia da Silva. “**Senhora presidente esta é uma carta pessoal**” – As relações dialógicas emergentes de uma carta. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/34261/31922>. Acesso em: 25 set. 2022.
- Brait, Beth. **Análise e teoria do discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.
- Brait, Beth; Melo, Rosineide de. **Enunciado/enunciado concreto/enunciação**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- Colomer, Teresa. **A Formação do Leitor Literário**. 1ª edição. São Paulo: Global, 2003, 453 p.
- Cosson, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2022, 139 p.
- Evaristo, Conceição. **Olhos d’água**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014, 116 p.
- Faraco, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial. 2009.
- Filho, Urbano Cavalcante; Torga, Vânia Lúcia Menezes. **Língua, Discurso, Texto, Dialogismo e Sujeito**: compreendendo os gêneros discursivos na concepção dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem). Disponível em:

<https://periodicos.ufes.br/conel/article/view/2011>. Acesso em 15 de setembro de 2022.

Fiorin, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016, 160 p.

Geraldi, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2007. 136 p.

Goulart, A. C. (2007). **Elementos argumentativos da carnavalização bakhtiniana na iconografia do heavy metal**. Bakhtiniana, Revista de Estudos do Discurso, 2(2), 94-105. Acesso em > junho de 2023

Prodanov, Cléber Cristiano. Freitas, Ernani César de. **Metodologia do trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª ed. Nova Hamburgo: Feevale. 2013, 276 p.

Renfrew, Alastair. **Mikhail Bakhtin**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2017, 224 p.

Ribeiro, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, 148 p.

Volóchinov, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, Notas e Glossário Sheila Grillo; Ekaterina V. Américo. Ensaio introdutório Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.